ILUSTRAÇÃO

1-MARÇO-1936 N.º 245 — 11.º ano PREÇO-5 escudos

Uma esquadrilha do Centro de Aviação Naval de Lisboa, nas manobras de 1935 no Atlântico, sobrevoa a capital da ilha da Madeira, durante um cruzeiro de mais de 6.500 quilómetros.

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Como ela disse adeus à insónia

Noites após noites e o sono fugia-lhe... mas um dia aconteceu isto

1

Eu sou um feixe de nervos... Não pude fechar os olhos durante toda a noite.

Porque não experimentas passar uma semana em casa da tua mãi? O ar do campo deve fazer-te bem

2

Os meus nervos minha mãi... Ha muitos meses que não consigo dormir bem uma noite!

Porque não disseste isso ha mais tempo? Eu sei o que tu precisas.

3

Isto tem um gôsto delicioso minha mãi... O que é isto?

É a Ovomaltine... Nada ha como ela para te restituir o sono, eu *sei-o*.

4

Meia hora mais tarde, e durante toda a noite.

Já calculava...

5

Minha querida!... Pareces mais nova... O ar do campo operou milagre.

Quem fez o milagre foi a OVOMALTINE. Eu nunca, nunca estarei sem ela.

A sua saúde e vitalidade... assim como a belesa do seu rosto... dependem principalmente dum sono regular e reparador. Mas nunca poderá gosar um sono natural se os seus nervos estiverem excitados ou cançados, O que lhe é necessário é tomar uma chavena de Ovomaltine antes do deitar.

Esta deliciosa bebida supremamente rica em alimentos restauradores — acalma rapidamente os nervos e o cerebro produsindo um sono tranquilo e reparador. E enquanto dorme, a Ovomaltine renova a sua energia e dá-lhe abundante vitalidade para o dia seguinte.

Cièntificamente preparada com a mais fina qualidade de malte, leite e ovos, a Ovomaltine marca por si só um logar. Tem-se tentado muitas vezes imitar a Ovomaltine, mas há sempre diferenças importantissimas.

A Ovomaltine não contém açúcar comum para diminuir o preço em prejuiso da qualidade. A Ovomaltine não é uma farinha nem uma simples mistura. Não contém chocolate ou uma grande percentagem de cacau. Por todas estas rasões a Ovomaltine é a suprema bebida alimentar para dar e manter uma saúde perfeita.

Qualidade acima de tudo — Exija

restaurador natural do sono

Á venda em tôdas as farmácias, drogarias e mercearias em embalagens de 1 lata, 1/2 lata e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS)

Rua dos Correeiros, 41-2.º — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535
N.º 245 — 11.º ANO
1 — MARÇO — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

O imperialismo japonês entrou numa fase aguda, em conseqüência da tentativa de golpe de Estado assinalada pelos bárbaros assassínios de alguns dos políticos nipónicos mais em evidência.

Esta crise pode inquietar-nos, mas não nos deve surpreender. Quem acompanha o movimento político e social do Extremo-Oriente, sabe que a situação agora criada é a resultante inelutável da própria orgânica do Império do Sol Nascente.

Á margem do povo e àparte das suas diversas camadas, existe no Japão uma casta militar, que se arroga direitos excepcionais e põe em prática o mais perigoso fanatismo nacionalista.

Em nenhum outro país esta divisão entre a classe militar e a classe civil é tão nítida e profunda. O Exército goza da mais larga autonomia e depende directamente do Mikado. Procede, portanto independentemente do Govêrno e assim se explica que os generais que operam na China e na Manchúria estejam por vezes em flagrante contradição com as afirmações e as promessas de Tóquio, sem que isso represente duplicidade por parte dos diplomatas nipónicos.

O equilíbrio entre o poder civil e militar é, nestas condições, muito precário. O anacronismo resultante da existência duma casta autocrática em pleno regime democrático e parlamentar devia conduzir a um conflito. É o que acaba de suceder.

Outros povos ocidentais viveram já em condições semelhantes. A marcha do tempo, porém, aboliu prerogativas, nivelou as castas e fê-las integrar no conjunto da vida nacional. No Japão nada disto sucede. O culto da tradição domina tudo, impõe leis tirânicas e costumes absurdos. Seria necessário suprimir a tradição para que o progresso seguisse naquele país uma curva natural. Mas isso, por simples que pareça, seria mais que uma revolução.

■

No momento de escrevermos estas linhas a sorte da tentativa revolucionária japonesa apresenta-se ainda indecisa, embora se anuncie já a rendição dos rebeldes.

Só uma pequena fracção do Exército tomou parte, na aventura. Mas os restantes, mantendo completa passividade, não mostraram com menos eloqüência a sua simpatia pelo movimento.

Assim, ainda que a situação tenha por agora um desfecho favorável ao poder civil, o problema permanece insolúvel e carregado de ameaças.

Tanto quanto é possível avaliá-lo dêste longínquo extremo da Europa, o panorama da política japonesa oferece o seguinte aspecto: Em torno do Mikado, cujo poder simbólico não é posto em litígio, defrontam-se dum lado os políticos e do outro a casta militar. Das massas populares há razões para supor que vivem alheias a esta luta pelo poder, pois o desenvolvimento económico e político do Japão não foi ainda seguido da formação duma consciência social correspondente.

A luta tem-se travado, sobretudo, em torno das despêsas militares, que representam no orçamento japonês uma percentagem que é das mais elevadas do mundo inteiro.

As recentes eleições resultaram numa vitória para o govêrno, que viu reforçada a sua maioria parlamentar. A decepção da casta militar deve ter sido a causa determinante da actual insurreição.

■

A possível vitória — presente ou futura — das idéias que originaram a actual tentativa do golpe de Estado em Toquio, chama de novo a atenção mundial para o «perigo amarelo».

Efectivamente, a modificação que êsse facto implicaria na política externa do Império só poderia conduzir, num prazo mais ou menos breve, à guerra.

A posição anacrónica da casta militar dentro da sociedade japonesa encontrar-se-ia transportada para o plano internacional. As mesmas ambições e a mesma concepção fanática do nacionalismo que opõem hoje o Exército ao poder civil, produziriam amanhã o choque entre o Império e as outras potências.

Esta hipótese, vem, de resto, sendo considerada de longa data. Recorda-nos uma frase do industrial Henry Ford:

«A supremacia mundial será um dia disputada não entre a América e a Europa, mas entre o Japão e os Estados Unidos. Os nossos filhos procederiam talvez acertadamente se aprendessem a língua japonesa».

■

Nos hospitais de Madrid está a tentar-se, segundo lemos num jornal, uma experiência curiosa: a biblioterápia ou cura pelos livros. Durante longas horas as enfermeiras lêem aos doentes trechos de literatura cuidadosamente escolhidos. E segundo parece, os resultados são excelentes, porque os enfermos assim tratados curam-se muito mais rapidamente.

A idea não tem nada de absurda. A leitura pode influir no estado da alma e, portanto, na marcha da doença. A melancolia que acompanha numerosos estados patológicos poderá ser, por êste meio, vitoriosamente combatida. E o optimismo, que, em seu lugar, se torna possível insuflar aos doentes, não será indiferente para a cura.

Se a idea vingar, vai surgir, portanto, uma nova e difícil especialização médica: a do clínico encarregado de ministrar a literatura em estilos e doses apropriadas. E não é de todo impossível que as livrarias acabem por ter postos de socorros para casos urgentes

■

O Parlamento francês aprovou, por considerável maioria de votos a ratificação do Pacto com a U. R. S. S.

A existência dêsse Pacto vem servindo há longo tempo de pretexto para uma violenta campanha por parte da Imprensa alemã contra o que ela considera um instrumento de agressão dirigido contra o Reich.

A aproximação franco-soviética representa para a Alemanha um obstáculo grave à sua política externa. A solidariedade entre as duas potências é de molde a reduzir-lhe consideravelmente quaisquer veleidades de agressão quer para Leste quer para Oeste.

Mas como bons políticos, os alemães embora protestando, procuram tirar do facto as vantagens que êle ainda comporta. E assim, não deixarão de se servir dêle como pretexto para remilitarizar a Renânia e o Sarre, o que de qualquer modo não será possível evitar mais tarde ou mais cêdo.

Por seu lado, a França argumenta que o seu Pacto com os Sovietes nada tem de comum com as alianças do antes da guerra e se conforma com os princípios da S. D. N. e da assistência mútua.

A distinção, embora verdadeira, é subtil. E é de recear, por isso, que não exerça na marcha ulterior da política mundial uma grande influência.

■

O resultado das eleições espanholas causou geral surpresa, até mesmo àqueles que por elas obtiveram o triunfo.

Que saibamos ninguem se atreveu a prever a vitória da «Frente Popular». Os próprios dirigentes socialistas e da Esquerda Republicana manifestavam antes da votação uma grande reserva, o que tanto pode atribuir-se a um prudente cálculo como a uma consciência incompleta da sua própria fôrça.

A vitória das Esquerdas, sendo embora de conseqüências profundas para a política espanhola, tem contudo um caracter efémero. Dado que o govêrno actual consiga realizar o programa mínimo da «Frente», o acôrdo entre as facções que compõem esta termina nêsse mesmo momento dadas as divergências ideológicas entre elas existentes.

M. R.

AS DUAS PÁTRIAS

PENSADORES BRASILEIROS

Um novo livro de Carlos Malheiro Dias

Vista de Minas Gerais

O grande escritor Carlos Malheiro Dias acaba de publicar um novo livro que intitulou: «Pensadores brasileiros» e classificou de «pequena antologia». Transcrevemos um trecho do Prefácio que nos dá uma ideia da nova maravilha saída da sua mão prodigiosa:

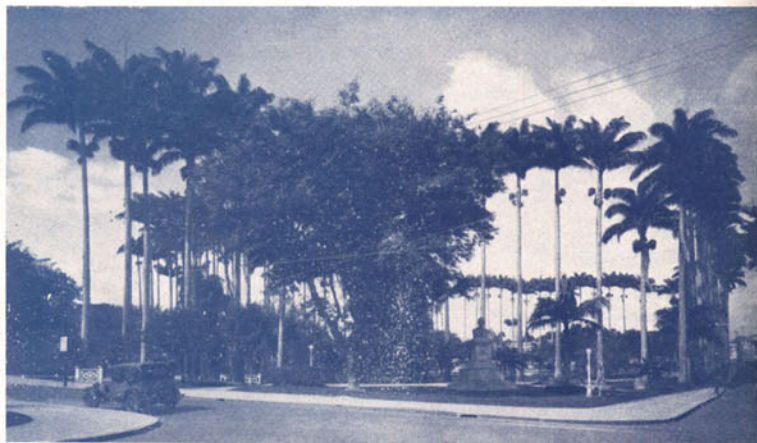
AH! mas vós tivestes de dispersar tôda essa opulência, tôdas essas fontes de energia vital, por um território mais continental do que nacional, se o tivermos de classificar pelas suas incríveis dimensões! Sem dúvida, a Europa vos ajudou no formidável empreendimento. Mas não ajudaram também a custear o progresso da Europa as riquezas da Ásia, o ouro do México e da África? Não contribuíram para a sua civilização as civilizações mais antigas? Não contribuistes também para a sua opulência comprando-lhe as máquinas, as locomotivas, os trilhos, os navios?

A herança descomunal que herdastes de vosso tutor ibérico, e que hoje vos oprime, representa a fiança de vossos imprevisíveis destinos no mundo. As selvas se abaterão diante de vós. Um dia a ordenação da natureza será obra vossa, como na Europa, onde não existe hoje uma árvore que não tenha sido plantada pelo homem! Um dia regulareis o ritmo dessa natureza indomável, agressiva e tumultuária, por quási tôda a amplidão dos vossos domínios! Um dia os vossos descendentes visitarão os parques zoológicos para poderem contemplar um raro espécime da sacurí e da cascavel!

Uma natureza indócil, recalcitrante, invencível? Não.

Emquanto escrevo, nas pausas requeridas pela reflexão, contemplo um vasto panorama de terras já escravizadas ao homem. Estou convalescendo numa pequenina cidade do Sul de Minas. As montanhas, em redor, limpas das antigas e melancólicas florestas, são pastagens verde-claras onde pasta o gado manso. Nos vales extensos, até meia encosta das colinas sinuosas, sucedem-se as culturas: campos compactos de milho, vinhas geomètricamente alinhadas, pomares odoríferos, hortas frescas. As aves voam e gorgeiam: canários da terra, pintassilgos, coleiros, sabiás e pombas rôlas. Ouço a cantilena bucólica das águas, os mugidos dolentes do gado. Há no ambiente a serenidade da posse, depois do amplexo amoroso. Avisto com o pensamento a prolongação no espaço e no tempo desta obra de domínio: tôda a imensa terra brasileira, com as suas selvas e cachoeiras, convertidas à obediência do homem, a sua braveza nativa transformada em mansa servidão. Esta paisagem virgiliana dissipa o pesadelo de Gobineau, de Benckle, de Waldo Franck...

De-certo, não vai ser fácil, nem essas marchas para a incógnita do futuro se fazem com a rapidez da fantasia. Pensai que há pouco mais de quatro séculos, apenas, a América emergiu das águas, perante a surprêsa maravilhada dos nautas, desencantada dos mistérios cósmicos, e nasceu para a convivência dos povos e para a civilização quando já há muito tinham desabado as civilizações egípcia, caldaica, cartaginesa, grega e romana. Pensai que sois o Benjamim dos povos, a nação caçula do universo; que o vosso destino está ainda no berço; que infalivelmente desempenhareis através da seqüência das gerações uma função providencial, em um ciclo futuro, possivelmente não remoto, da humanidade.

Tereis de vencer dificuldades ingentes, pois nem tudo se resolve pela filosofia, pela cultura, pelo idealismo patriótico; mas importa que não vos deixeis desanimar pela injustiça dos que não compreendem ainda a decisão do vosso esfôrço e do vosso sacrifício e não sabem medir com os seus olhos míopes o poderio de vosso porvir.

A Asia foi o primeiro berço da civilização, que depois se expandiu, gradualmente, pelos litorais africano e europeu do Mediterrâneo, acabando por fixar-se na Europa, onde se elaborou um novo e pujante ciclo da história da humanidade, iniciado pelos povos mestiços meridionais e bárbaros das regiões centrais e setentrionais, que nos assustam nas narrativas de Tácito. Avisinha-se o novo ciclo da história da civilização com a participação da América repovoada e civilizada pelos europeus e seus descendentes? A futura e provável hegemonia americana não significará, todavia, a paralisia da milenária Europa, mas a sua insuficiência geográfica para conter a incessante progressão demográfica e a marcha vertiginosa da sua civilização. O que está em franca decadência na Europa parece serem as doutrinas que presidiram ao seu desenvolvimento no século XIX e a concepção materialista da vida social, estimulada pelo orgulho dos progressos da ciência, que precipitou do seu trono o espiritualismo. Física e moralmente, a população europeia não revela, porém, nenhum estigma de decadência, pois continua reagindo contra os males e os erros que lhe perturbam a existência. Não maldizei da Europa, de onde recebeste todo o bem e todo o mal, e da qual a América é uma reedição em vias de uma correcção quási fundamental, e cuja influência irá sucessivamente crescendo até à comparticipação nos destinos incognoscíveis do mundo. Mas não maldizer da Europa não quer dizer que lhe obedeçais.

Não serei eu, que compartilho da vossa vida; que trago nas veias uma parte do sangue brasileiro, provindo da fonte materna, que compreendo com um sentimento de família a vossa inquietude e participo das vossas atribulações como das vossas esperanças; não serei eu que arrefeça o vosso entusiasmo quando vos ouço declamar o manifesto em que um idealista, como um aedo, lançou entre vós, adolescentes do Brasil, o credo integralista, arremessando-se contra as ideologias condenadas, novo Perseu acometendo o dragão.

A oração fremente, à imagem daquela outra oração admirável e empolgadora composta por Gilberto Amado na comemoração do centenário da independência, com o seu ritmo de hino, o sentimento quási religioso das suas apóstrofes, solene como uma jaculatória, exaltador como uma marcha, é das mais eloqüentes exortações propiciatórias dirigidas ao Creador pelos destinos do Brasil:

«Tu, Destino dos Povos, vontade desconhecida, que ages no fundo das eras, através das transformações numerosas e constantes do Espírito do Tempo!... Fôrça providencial, que determinaste as migrações das raças e tangeste nações em marchas de conquista, fundando as religiões e estabelecendo os impérios!... Tu, destino dos Povos, dá ao Brasil o seu instante de afirmação, proporciona-lhe a hora da sua palavra no Mundo!... Destino dos Povos, arraza-nos com um cataclismo, se tivermos de ser um povo tributário; se tivermos de ser um aglomerado de adventícios; se tivermos de legar aos nossos descendentes um exemplo de passividade, que seria uma traição ao sacrifício dos nossos antepassados!»

* * *

Os vossos antepassados! Depois das gerações que haviam acabado por desdenhar da filosofia e da história, como soa estranhamente bem, tal o acorde de um hino novo, esta invocação, que reivindica o espírito de continuidade, e afirma a aceitação tácita dos factos consumados, da mescla de três raças, com que de uma selva desmesurada se fez uma das maiores nações do orbe, unida pela religião, pela língua e pelo sentimento, soldada por um nacionalismo ancestral e inquebrantável, que prolonga sob os céus americanos os ecos da luta do semi bárbaro Viriato contra as disciplinadas legiões romanas!

Esses comuns avoengos receberam da providência um Destino e o cumpriram com o suor do rosto e o sangue das artérias. Porque não haveriam os descendentes, donos de um património opulentíssimo, de cumprir o seu?

Se duvidais de vós reflecti um pouco no que foi aquele destino gloriosamente cumprido. Era uma população minúscula, que não prefazia sequer os dois milhões, espalhada por vales, serras e cidades fortificadas, com um território não maior que uma fazenda de criação dos latifundiários goianos! E quiz o Destino dos Povos escolhê-lo para a missão heróica de devassar os incógnitos oceanos, de abrir com as quilhas das naves os grandes caminhos inter-continentais de revelar as ilhas e os continentes desconhecidos, de executar o périplo africano, de ligar pela primeira vez na história do mundo a Europa à África, a África à América, a América à Ásia no decurso da viagem de 1500... E concedeu-lhe o Destino, por um momento que vale em glória por uma eternidade, o domínio da Índia, da Pérsia, do Brasil e da África, a regência de um império com dezasseis milhões de quilómetros quadrados de superfície! E para que tamanha proeza fôsse possível, dotou-o com uma pleiada de super-homens espantosos, de gigantes com estatura de epopeia, príncipes, estadistas, pilotos, sábios, conquistadores, missionários, que se chamaram Infante D. Henrique, D. João II, Bartolomeu Dias, Pedro Nunes, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, Duarte Pacheco, D. João de Castro, D. Luís de Ataíde, Mem de Sá, Manuel de Nóbrega; e deu-lhe, finalmente, um poeta genial para imortalizar a nova Odisseia. Atentai bem: era um país menor do que Sergipe, com uma população menor que a capital do Brasil, e do qual o Brasil chegou a ser uma província! Ao monarca dessa nova Roma dos mares, os soberanos e potentados de Calicut, da Pérsia, da Etiópia e de Ceilão, os régulos da África, como o bárbaro príncipe dos Jalofos, mandavam seus embaixadores e emissários. A D. João III trazia o enviado do rei de Cota a estátua de oiro do primogénito para que o coroasse em efígie! Por falta de sucessão directa, os reis orientais de Ternate, Ceilão e Columbo, legavam os estados ao rei de Portugal! Tudo o que caracteriza um grande império, no significado romano da palavra, se estampou na fronte do Portugal quinhentista. Não lhe faltou sequer a aura belicosa. As viagens trans-oceânicas custaram hecatombes. A Índia foi um perpétuo campo de batalha durante meio século. Os guerreiros dessa Ilíada oriental falavam a mesma grave e imponente linguagem dos varões de Plutarco. E tôdas essas acções imortais, o cumprimento sobrehumano dessa missão naval e guerreira, constituem o prólogo prodigioso da Idade Moderna.

Êste pequeno livro encerra um vestígio da substância pensante que alimenta o vosso ideal, um reflexo das constelações mentais que iluminam a vossa marcha acidentada no rumo dos planaltos, na direcção do Oriente, dêsse clarão de aurora que as vossas esperanças, senão os vossos olhos, já enxergam no longínquo horizonte.

Um trecho de Campinas

Retrato de Carlos Malheiro Dias, tendo ao lado o pintor Medina, seu autor

A MORTE DOUTRA JOANA D'ARC

Joana d'Arc ouvindo as vozes interiores que a impelem a salvar a França
(Escultura de Chapu)

QUANDO em 1874 o escultor Chapu idealizou a estátua de Joana d'Arc, procurou modêlo condigno em tôda a região de Orlèans. Entre tantas raparigas graciosas que se apresentaram, nenhuma reunia as qualidades físicas da "Pucelle", pelo menos, aos olhos do artista. Chegou a dizer-se que o escultor, na impossibilidade de conseguir um modêlo à altura da sua concepção, desistiria do seu trabalho.

Um belo dia, deparou com uma jóvem de quinze anos que era, sem tirar nem pôr, a autêntica donzela de Orlèans nos belos tempos em que escutava as vozes interiores a impeli-la para a jornada gloriosa que libertaria a sua pátria.

Era aquela, sem dúvida, a Joana d'Arc que lhe aparecera em sonhos a inspirá-lo para a obra a realizar em homenagem á desventurada queimada por hereje, e mais tarde santificada pela Igreja.

Encontrara, finalmente, o modêlo.

Tratava-se duma pobre rapariga chamada Joana Valere Lancau, filha de gente humilde, que se dedicava, como a heroína francesa, a pastorear gado.

Que mais poderia desejar o artista? Quando menos esperava, encontrou uma pastorinha de Orlèans, chamada Joana, que reunia todos os requesitos de um modêlo ideal!

Começou logo a estátua que havia de tornar-se famosa, com grande orgulho do escultor... e da pastorinha que se considerava uma autêntica Joana d'Arc.

Decorreram muitos anos, e a donzela, indo parar a Paris, começou a definhar-se numa tristíssima velhice. Sem família que a amparasse, era forçada a trabalhar na confecção de ligas para senhora com o que mal conseguia pagar o mísero cubículo em que vivia e as amargas sopas de que se alimentava. Tinha setenta e sete anos de idade, mas não se esquecia nunca de citar o facto de ter sido modêlo da celebrada estátua de Joana d'Arc que se venera no Museu do Luxemburgo.

—"Ah! nêsse tempo — dizia ela — eu era uma rapariga tão desenxovalhada como a "Pucelle" de Orlèans o deveria ter sido. O artista que me escolheu para modêlo garantiu que eu era tal e qual uma Joana d'Arc como as estampas antigas a representam. E, quanto ao resto, se fôsse preciso, era capaz de pegar em armas para defender a minha pátria. Tivesse sido preciso, e veriam se eu não era capaz de dar sinal de mim...

— Para ter a paga que a outra teve? preguntavam as visinhas que a disfrutavam.

— Se calhar era a sorte que me esperava...

— Olhe, tia Joana — tornavam elas — foi melhor assim... se a haviamos de ver atada num pau, a assar como uma rez em dia de bôda entre os abexins, valeu-lhe mais não armar em Joana d'Arc, e limitar-se a ser o que sempre foi — a senhora Joana Lancau que todos nós respeitamos.

— E doutra maneira não me respeitavam? — preguntava a velha a abespinhar-se — Olhem que lá por eu levar a minha vida a fazer ligas para senhora, nunca deixei caír as minhas para que um rei as apanhasse como o outro da Ordem da Jarreteira... Antes morrer como a Joana d'Arc, do que viver como a outra com tais condecorações.

— Não se esqueça, no entanto, de que o rei foi dizendo para que todos o ouvissem que não puzessem malícia na sua acção — "Honny soit qui mal y pense".

— Isto não fez o rei da França quando puzeram a jarreteira de fôgo à pobre da Joana d'Arc no patíbulo de Ruão.

— Lá isso é verdade... Nesse ponto o rei de Inglaterra mostrou ser mais cavalheiro que o seu colega francês...

— Já vê que se livrou de boa!

— Ora! hoje em dia, já não há fogueiras para queimar herejes, quanto mais santos... O que lhes digo é que se nos meus tempos a França precisasse de mim, havia de servi-la com a mesma coragem da Joana d'Arc.

— Acreditamos.

— E podem acreditar. Foi um grande escultor que me escolheu para modêlo da Pucelle d'Orlèans!

E era vê-la, plena de pujança, no seu pedestal, arvorada em Joana d'Arc, mas Joana Lancau na sua expressão varonil. Decorridos sessenta e dois anos — uma longa vida! — a heroína não sentia saudades do seu passado, sentia orgulho do que fôra. E, passados tantos invernos, julgava vêr-se ainda jovem, visto que se mantinha perene na pedra que a retratava.

Julgava-se Joana d'Arc.

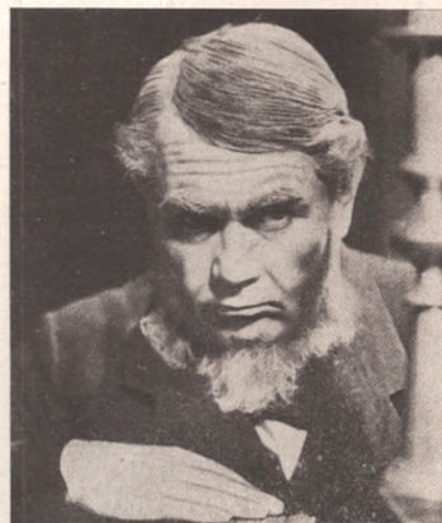
Pobre Joana Lancau! Era esta a sua fraqueza, embora supuzesse ser a sua maior fôrça.

Há dias, os jornais parisienses trouxeram a notícia de que a pobre morrera carbonizada no miserável cubículo que lhe servia de abrigo e, onde, trabalhando na confecção de ligas para senhora auferia os magros proventos com que se mantinha, e que mal chegavam para a sua parca alimentação!

Orgulhando-se tanto em ter sido Joana d'Arc, acabou por morrer, como ela, abrazada pelo fôgo!

UMA HISTÓRIA DE ELEFANTES

DUM dos melhores livros de Rudyard Kipling, "Toomai dos elefantes„ extraiu-se um film que Robert Flaherty realizou na Índia, no Estado de Mysore. E' a história dum rapaz que vive desde a primeira infância entre os elefantes dum príncipe e que o mais velho dos paquidermes leva um dia aos recessos profundos da floresta a assistir à cerimónia fantástica que reune os elefantes vindos de tôdas as partes da selva. O protagonista, um jovem índio que vemos reproduzido nas gravuras juntas, revela ao que se diz prodigiosas faculdades de actor.

KRUGER RESSUSCITADO NO CINEMA

No filme inglês "Cecil Rhodes„ a nobre figura do Presidente Kruger é evocada pelo actor vienense Oskar Homolka. As duas gravuras que ladeiam o desenho da época aqui reproduzido representam a notável incarnação de Homolka, cuja semelhança fisionómica acentuada por uma hábil caracterização se revela assombrosa. Todo o filme foi cuidado de forma a constituir uma evocação historica rigorosa.

ILUSTRAÇÃO

UMA RETROSPECTIVA TRINTA E CINCO SÉCULOS

A GRANDE EXPOSIÇÃO ARTE CHINESA EM LONDRES

A alma oriental recebeu recentemente em Londres uma justa e magnífica consagração por parte dos povos da raça branca. As obras mais representativas da sua arte requintada e milenária foram exibidas na capital do Império britânico e perante elas desfilou reverente um público curioso e culto.

Esta grande exposição da arte chinesa foi organizada pela Real Academia de Inglaterra e teve o alto patrocínio do falecido rei Jorge V e da rainha Maria, sua mulher. A ela concorreram não só os museus e coleccionadores britânicos, mas também o Govêrno chinês que, tendo apaziguado as legítimas inquietações do seu povo, confiou aos riscos duma longa viagem os valiosos tesouros artísticos de que é depositário. Por sua vez a Suécia, a Dinamarca, a Rússia, a Turquia, a Alemanha, a Índia, o Japão, a Colombia e os Estados Unidos enviaram também as preciosidade que possuem. Dêste último país veio mesmo a colossal estátua de Maitreya Buda, de perto de sete metros de altura e com o pêso de três toneladas, que decorava o "hall" da entrada da exposição. Êste importante exemplar, que

A estátua de Maitreya Buda que figurava no «hall» de Burlington House

uma das nossas gravuras representa, constitue uma peça escultórica notável, pela leveza e majestade das linhas e pela magnífica serenidade da expressão, que faz lembrar a calma e o equilíbrio da arte grega.

A grande exposição de Londres realizou-se em Burlington House. As salas dêste edifício foram adaptadas à circunstância. Revestiram-se as paredes com um tecido de côr créme, fabricado à mão por artífices do Extremo-Oriente.

Os exemplares expostos eram em número de 3.080 e encontravam-se divididos por onze galerias numeradas e quatro outras suplementares. A disposição obedeceu ao critério didático: classificação por dinastias ou períodos.

Coube êste difícil e erudito trabalho de ordenação à comissão organizadora, presidida pelo conde de Lython e Quo Tai-Chi, embaixador da China, que juntamente com sir Percival David e o dr. F. T. Cheng, comissário especial do Govêrno chinês, foram os verdadeiros animadores desta excepcional manifestação artística.

O catálogo da exposição, minucioso e admiràvelmente ordenado, foi prefaciado por Laurence Binyon, que numa síntese perfeita, traçou as grandes directrizes da arte chinesa, desde as suas origens até aos nossos dias.

A exposição teve em Inglaterra, como era de esperar, as proporções dum acontecimento nacional. De todos os pontos do país acorreram visitantes, aos quais as companhias de caminhos de ferro proporcionaram grandes reduções de tarifas. Importantes facilidades foram também concedidas às escolas e aos turistas. De modo que a exposição pôde ser admirada por tôdas as camadas da população, entre as quais uma inteligente divulgação feita pela Imprensa despertára grande in-

Em cima: Trecho duma pintura da dinastia de Sung, de autor desconhecido. A' esquerda: «Paisagem de Inverno e lenhador» da mesma época

terêsse. Uma série de eruditas conferências, realizadas durante o período que a exposição se encontrou patente, contribuiram também para esclarecer estudiosos e amadores sôbre alguns dos mais importantes problemas relacionados com a arte chinesa através dos tempos.

Dissemos já que a classificação dos três milhares de exemplares exibidos obedecia a uma ordem cronológica. Assim, na primeira galeria viam-se os objectos prehistóricos, constituídos sobretudo por bronzes talhados para servirem de armas, adornos ou utensílios. Os relevos ingénuos, fortemente acentuados, revelam os primeiros esboços duma arte primitiva que não tardou em encontrar o caminho da sua natural evolução.

Nas galerias seguintes encontrava o visitante representado o esfôrço artístico da dinastia de Han e das "Seis dinastias" que lhe sucederam, cobrindo cêrca de seis séculos da história chinesa — do ano 25 a 589 da nossa era — durante os quais as tendências de estilo e requinte se definem e precisam. O artista chinês, que viveu sempre em íntimo contacto com a natureza, começa aqui a manifestar o seu gôsto na escolha dos motivos. Umas vezes reproduz fielmente plantas e animais, com êsse realismo especial que o homem do ocidente não compreende bem se não conhecer as características particulares da paisagem do Extremo Ocidente. Outras vezes, porém, dá largas à fantasia e estiliza os seus motivos a ponto de dar origem a essa série de monstros e dragões, que o tempo consagra, avolumando-lhes o sentido simbólico, e que são um dos elementos típicos da arte do Extremo Oriente. Buda é um tema tratado com freqüência em que se afirma uma das qualidades fundamentais da pintura e da escultura chinesa — a serenidade. As galerias imediatas fo-

A' direita: «Faisões e flores de pessegueiro», pintura em seda de Uang-Jo-Xui, da dinastia de Yuan. Em baixo: «Animal fantástico em bronze

Em cima: Veado em porcelana, da época das Seis dinastias. A' esquerda: «Pesca num dia de nevão» por um artista desconhecido

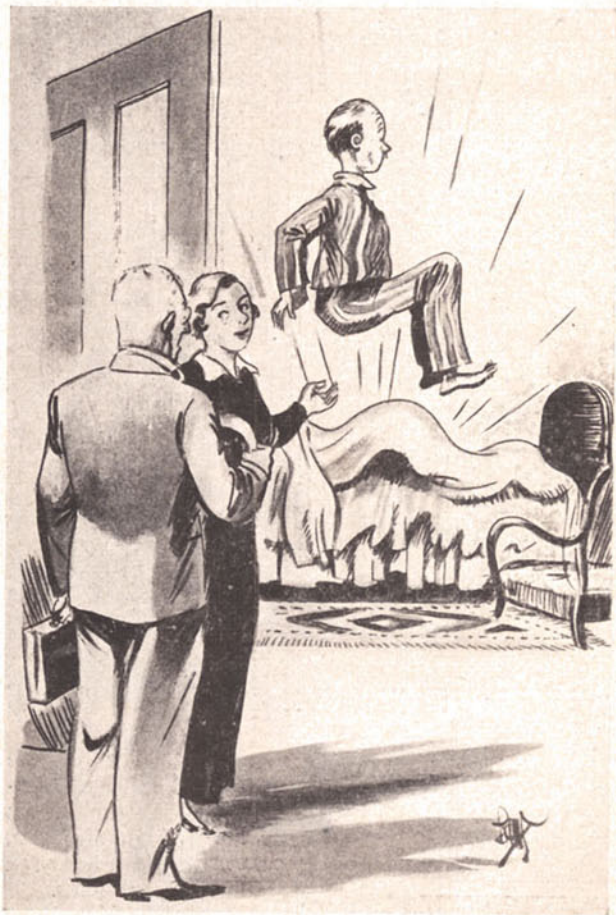
ram consagradas às dinastias de Tang e de Sung, que compreendem o período que vai do ano 618 ao ano 1279. O realismo acentua-se e as aplicações da arte aumentam. As indústrias de tapeçarias e tecidos buscam a colaboração dos pintores. Cresce também o número de materiais empregados. Os escultores trabalham o bronze, o mármore, a pedra negra e a pedra branca, em combinações de surpreendente efeito. Cinzeladores de génio modelam com paciência infinita o ouro, a prata, o marfim e a pedra jade. Milhares de objectos de arte e de uso nascem assim das mãos de artistas privilegiados, testemunhando uma civilização cheia de requintes.

Na última fase dêste período, a cerâmica recebe um grande impulso e atinge a perfeição definitiva, ao mesmo tempo que os desenhadores, com um curioso espírito de simplificação, nos revelam a graça viva do traço puro.

A dinastia Yuan, que se sucede, prolongando-se até ao ano de 1368, mantém êste elevado nível artístico. Pintores, ceramistas e desenhadores parecem engenhar-se em criar dificuldades só para as vencerem com os seus recursos que têm qualquer cousa de prodigioso.

Com a dinastia de Ming, cuja representação ocupava uma das galerias seguintes, a arte chinesa entra de transformar-se. O Ocidente entra em contacto com o Oriente por intermédio das viagens e descobrimentos dos portugueses. Desde o século XIII que Marco Polo revelara à Europa a existência do grande Império Celeste no seu célebre "Livro das Maravilhas". Mas só no século XVI a abertura de rotas marítimas veio tornar efectiva a ligação entre os dois extremos do grande continente euro-asiático. Os portugueses introduzem na China uma civilização diferente, que os artistas orientais se apressam em assimilar com os meios poderosos de que dispõem. É assim que se explica a existência de exemplares do século XVII como êsse extraordinário biombo cujo fundo de laca e ouro se apresentado povoado de figuras holandesas.

Tal é, em síntese, a história da arte chinesa, cuja eloqüente documentação os visitantes de Burlington House admiraram.

ANECDOTAS

— Entre, sr. doutor. Meu marido acaba de tomar o remédio. Mas como se esqueceu de agitar antes de usar...

Um estrangeiro foi certo dia apresentado a um coronel brasileiro. E no decorrer da conversa ocorreu preguntar-lhe:

— Tomou parte na guerra do Paraguai?

— Não senhor — foi a resposta.

— Julguei. Como pertence ao Exército...

— Mas eu não pertenço ao Exército.

— Ah! Nesse caso é coronel honorário?

— Nada disso. Há por aí muita gente que se enfeita com títulos, que não lhe pertencem. Mas eu tenho todo o direito. Casei com a viuva do coronel Soares.

■

Conta-se que certo capitão do Exército norte-americano era especialmente cuidadoso com o tratamento dos soldados que serviam sôbre as suas ordens. Vigiava por que lhes fôssem dadas boas e abundantes rações, que os fardamentos estivessem em bom estado e a roupa das camas de acôrdo com as mudanças da temperatura.

Ora certo dia em que a sua companhia bivacava num campo de manobras, o capitão viu dois soldados que saiam da cozinha de campanha carregados com um enorme caldeiro.

— Venham cá — gritou-lhes. — Deixem-me provar isso...

Os recrutas aproximaram-se, pousaram o caldeiro no chão, fizeram a continência e um deles disse:

— Mas, meu cap...

— Não há mas, nem mais mas... Arrangem uma colher.

Um dos recrutas apressou-se a obedecer. Momentos depois aparecia com a colher. O capitão pegou nela, encheu-a de caldo, saboreou-o e disse encolerizado:

— É então a isto que vocês chamam uma sopa?

— Não, meu capitão. Nós não lhe chamamos sopa. É água de lavar os pratos...

■

Perante um juiz compareceu um homenzito baixo, calvo, com uns enormes óculos. O magistrado consultou apressadamente os papeis que se amontoavam na sua frente e dirigiu-se-lhe nos seguintes termos:

— O reu é acusado de provocar constantes desordens. Que tem a alegar em sua defesa?

O homem agitou-se, pigarreou, tomou atitude e começou a dizer:

— Senhor doutor juiz! Sou vítima de calúnias. Não tenho a eloqüência de Cícero nem a profundeza de Platão...

— Está bem, está bem! — atalhou o magistrado. — Quinze dias de prisão.

E voltando-se para o agente que introduzia os presos na sala.

— E tome nota dêsses dois cavalheiros que êle citou para os termos debaixo de ôlho, porque devem ser tão bons como êste...

■

O bandido conseguira introduzir-se na casa e estava agora, armado dum ameaçador revólver, junto do dono da casa que tremia como varas verdes.

— Promete poupar-me a vida se lhe disser onde guardo o dinheiro? — balbuciou êle por fim.

— Prometo.

— Está no cofre dum B-b-banco.

■

Alguém disse certo dia a Marie Corelli, célebre escritora britânica, que corria o boato de que ela se casara secretamente. A autora de "Sorrows of Satan„ respondeu furiosa:

— Para que quero eu um marido? Tenho um cão que ladra tôdas as manhãs, um papagaio que diz obscenidades tôda a tarde e um gato que fica fóra de casa tôda a noite.

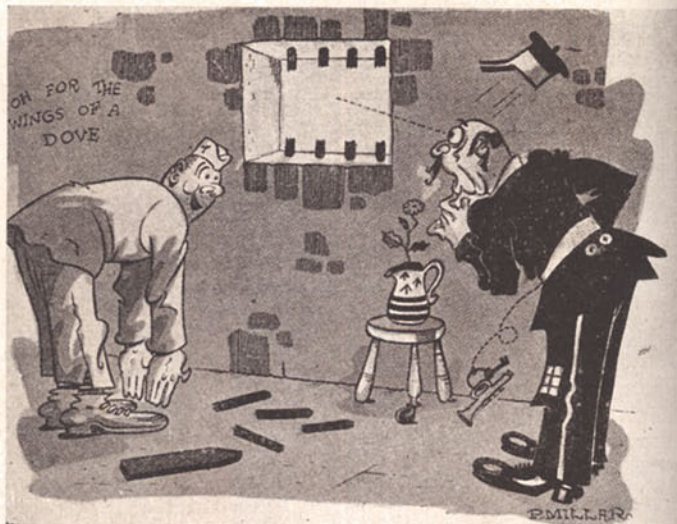
■

J. H. Thomas, antigo ministro britânico, tem um espírito muito apreciado na côrte inglesa. Certo dia entrou no palácio real da Escócia levando na mão uma corda que arrastava pelo chão. Á primeira pessoa que encontrou, preguntou:

— Viu por acaso o Homem Invisível?

Tantas vezes fez a pregunta que acabaram por o interrogar:

— Mas para que procura o Homem Invisível?

— É que — explicou apontando a ponta da corda pendente — encontrei o cão dêle...

— Queira desculpar, sr. carcereiro, mas o médico disse-me para fazer exercício tôdas as manhãs diante duma janela aberta.

FESTAS ESCOLARES

No Colégio Militar

No dia 15 dêste mês o velho Colégio da Luz, onde se têm formado tantas e tantas gerações militares, vestiu suas galas para uma récita — a récita de despedida dos alunos do 7.º ano — e um baile, que foram sem dúvida, dos mais brilhantes desta época. O gimnásio, onde ambos se realizaram, encheu se por completo. Um bem contado milhar de pessoas ali esteve, e, entre êle, contavam-se por centenas gentis senhoras, que pela sua elegância e beleza deram à noite do Colégio Militar a nota de maior e mais inolvidável encanto.

Em cima: *Alguns dos interpretes da representação no Colégio Militar.* A' direita: *Uma cena nos camarins*

Abriu o espectáculo por uma fala do aluno Joaquim de Freitas Morais, a agradecer a comparência do director, sr. brigadeiro Magalhães Correia, do corpo docente e das famílias dos seus camaradas.

Depois realizou-se a representação do espirituoso episódio «Que teimoso!» da autoria do ex-aluno Pedro Bandeira, musicado a primor por Manuel Ribeiro, e interpretado pelos alunos Gusmão Nogueira, Bobela da Mota Decio Freitas, Ramires Ribeiro Oliveira Rodrigues, Almeida Pinheiro e Barros Teixeira. Gargalhadas e palmas sem conto.

Executou-se ainda a fantasia «Branco e Preto», original de Gusmão Nogueira — o grande heroi da noite — fantasia que fez delirar a assistência pela graça de todos os seus quadros. Destacaram-se nela os «Bailados Russos» e o «Baile dos Apaches», trisados e realizados por Oliveira Rodrigues e Alcino Ferreira.

Tiveram no espectaculo acção digna de relevo a sr.ª D. Ema Cordeiro, na encenação; e D. Encarnação Fernandes, na marcação da dança; Leote do Rego, como ponto, e Mariano de Amorim, como «compère», num tipo de policia caracteristico e digno de ser enfileirado entre os que deram consagração a alguns dos nossos melhores actores cómicos.

Finda a récita, deu-se começo a um baile, que durou até romper o dia.

No Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho

As alunas da 7.ª classe do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho realizaram naquele estabelecimento de ensino a festa de despedida, que teve a maior animação e constituiu um belo espectáculo.

Em frente: *As alunas que tomaram parte no desempenho do «Infante de Sagres».* Em baixo: *Um aspecto da assistência*

A festa começou às 15 horas, com o hino nacional entoado pelo orfeão. Seguidamente, representaram-se algumas cenas do 1.º acto da peça «Infante de Sagres», da autoria do dramaturgo Jaime Cortesão, que as alunas parodiaram em seguida, arrancando gargalhadas à assistência, pelos termos alusivos à vida académica e por algumas peripécias de saboroso recorte cómico.

Foi dançado um lindo minuete com efeitos de luz; a aluna M. Luiza Cascais executou ao piano as danças espanholas de Granados e houve descantes pelo grupo coral do liceu.

Programa cheio de interêsse em que a mocidade esfusiante de lindas e gentis raparigas desempenhou o principal papel.

A segunda parte abriu com a representação de «Bustos Falantes» (mulheres portuguesas), versos do escritor D. Alberto Bramão. Apareceram numa maravilhosa evocação, os vultos da rainha Santa Isabel, de Inez de Castro, de Leonor Teles, da padeira de Aljubarrota, de Maria Alcoforado, de Felipa de Vilhena, da marquesa de Alorna e da Maria da Fonte.

Em seguida, a menina Natércia T. Aldeia executou no violino a «Dança húngara n.º 5» de Brahms.

Um grupo de lindas raparigas interpretou «Leques», quadros movimentados, manifestação coreográfica de bom gôsto.

Por último, todo o curso organizador da festa cantou a clássica «Balada de Despedida», finalizando a récita com a execução do hino do liceu, pelo orfeão.

A assistência aplaudiu, com entusiasmo, todos os números do programa.

A «Indústria do Fogo» em laboração

NA ILHA DE MURANO

AS MARAVILHAS DA INDUSTRIA DO FOGO„

Como se trabalha o vidro há 600 anos

A indústria do vidro tem uma origem antiquíssima: o seu início data do período da civilização fenícia, em Sidone, desenvolvendo-se depois em Roma e em Bisancio, onde alcançou grande esplendor. Veneza florescia antes do século XIII.

No dia 17 de Outubro de 1285, um decreto de Veneto proibia tôda e qualquer exportação de fragmentos de vidro, de areia, de alumen ou de outra matéria vitrificavel. Entretanto, eram adotadas as mais severas disposições para evitar que os segrêdos da produção do vidro passassem as fronteiras da República. Por sua vez, os vidreiros coligavam-se em corporação para maior garantia da sua defesa.

Assim se robusteceu esta indústria. As fábricas de vidro iam surgindo em Veneza. Mas a sua visinhança tornava-se perigosa. Raro era o dia que não dessem origem a incêndios que quási sempre faziam vítimas, além dos graves prejuizos. Para salvar a cidade de tão grande perigo, um decreto da Sereníssima ordenou que a «indústria do fogo» passasse para a ilha de Murano, e ali se concentraram tôdas as fábricas de vidro.

Dentro em pouco, Murano tornou-se a Ilha do Fogo, produzindo tais maravilhas, que teve, durante séculos, todo o mundo tributário da sua admiração e das suas encomendas.

No primeiro Renascimento atingiu a máxima superioridade técnica e artística.

Mas no século XV alguns operários, não resistindo ao subôrno, traíram os segrêdos da fabricação.

Pouco depois, a «indústria do fogo» aparecia na Toscana, e no estrangeiro, especialmente na Inglaterra, na Alemanha e na Espanha.

Começou então a decadência de Murano: no século XVI as suas fábricas eram 40; com o decorrer dos tempos ficaram reduzidas a 15.

Ainda assim, a sua produção de vidrarias em 1928 era de cêrca de 80 milhões de liras sôbre os 150 milhões representados pela produção nacional do vidro.

Embora esta quantidade seja hoje exportada, a cifra é sempre notável. Compreende além dos vidros soprados, os esmaltes opacos ou translúcidos, as murinas, as filigranas, as pérolas, a luz, os mosaicos, as cristalarias industriais, os vidros neutros e científicos.

Os mestres de arte tinham diminuido. Dos seis mil que foram, só restavam 2900, incluindo nêste número, mestres, operários, aprendizes, montadores, racha-lenha e até barqueiros... Em tais condições, a Itália estava para tornar-se tributária do estrangeiro com 55 milhões de liras para cristalarias.

Urgia salvar uma indústria com tão gloriosas tradições.

Foi o que se fez, por fim. E, caso curioso! nos fornos de Murano é ainda queimada aquela lenha que em 1881 despertava maravilhas ao Henrivaux, enquanto que há mais de setenta anos, estão, noutros lugares, em plena eficiência estudadíssimos fornos a semi-gaz, a gaz. Mas, em boa verdade, isto não prejudica a qualidade da produção, limita-se a diminuí-la.

Este centro máximo da indústria nacional de vidrarias, para reconquistar vigor, estabeleceu um Instituto Nacional do Vidro, com séde em Murano e Veneza, compreendendo uma Estação Experimental e uma Escola Profissional.

Os vidreiros muranenses procuraram sempre melhorar a própria técnica, com o auxílio de tôdas as inovações sugeridas pelo progresso; sob o ponto de vista artístico, puzeram-se sempre à altura dos novos tempos. Hoje, em Murano, quási não trabalham naqueles multicores vasos opacos que formavam, até há vinte, ou dez anos atrás, a delícia do público burguês, mas objectos que respondem às exigências da arquitectura e do aparelhamento moderno, tanto para a iluminação dos ambientes, como para a decoração das mesas. Se assim não fizesse, Murano teria perdido muito do seu antigo prestígio. Vem a propósito evocar as velhas crónicas venezianas, falando de príncipes, reis e imperadores: «Foi conduzido a ver o tesouro de Misser S. Marco e a ver fabricar vidros em Murano». E também: «Monsignor De Vendone, com os outros senhores franceses, foram com pequenas barcas a Murano a ver fabricar vidros do Anzoletto Barovier, e, vista a loja, lhe foi dito que se servisse do que mais lhe aprazia».

A arte vidreira é, portanto, uma gloriosa herança para a população muranense. Aos tempos da Sereníssima, os seus mestres eram considerados como depositários da glória da cidade, sendo-lhes, por isso, dispensadas honras, riquezas, títulos de nobreza. Hoje os descendentes dos grandes artífices de outrora herdaram com o próprio nome a paixão pelo vidro e a habilidade das mãos. E' que nestas fábricas tudo se faz à mão, e nem por isso poderão nunca ser menos que as da Bohemia onde se usam moldes.

Uma preciosidade de Murano

E' preciso vêr os operários em laboração para se lhe avaliar a perícia.

Em torno aos grandes fornos, dispostos ao centro de um salão rústico e semi-escuro, clareados apenas pelos reflexos de luz sauguínea, e cobertos de suor, estes homens trabalham velozes e certos. Envolvem o vidro incandescente na extremidade de um tubo de aço, mergulham-no levemente em boiões de diversas côres, e depois de o repor por pouco tempo no forno assopram-lhe de modo a obter uma esfera ardente. E' nesta ocasião, que começa a formar-se o objecto: o canudo, encostado à mesa, é feito virar rapidamente sôbre a palma da mão esquerda, enquanto que a direita, mediante uma mola flexivel, lhe imprime a forma desejada, marcando os sulcos, as guarnições e qualquer outro ornamento. Logo que o vidro principia a endurecer, é colocado no forno para ser em seguida, trabalhado de novo. E do forno é tirado tantas vezes quantas forem necessárias para obter o objecto completamente acabado.

Os lampadários e a folhagem requerem maior trabalho: junta-se, pouco a pouco, ao objecto em formação um pedaço de massa de vidro abrasado, que, com uma turquez de ferro, é achatado, dobrado e recortado.

Por processo diverso daquele sopro (diverso não tanto mecanicamente e tecnicamente quanto para o segredo da mescla), obtem-se vasos e ânforas de esmaltes coloridos. O vidro, em vez de ser recolhido pelo canudo de sopro no cadinho, onde a indomavel matéria fica afinal líquida incandescente, é deposto, como uma camada quadrada sôbre uma superfície horizontal. O operário coloca aí pequenos pedaços de canudos coloridos, conforme o desenho estabelecido e depois de ter abrazado novamente a pequena camada, envolve-a em um molde especial se se trata de murino amolado; torna a remetê-la ao forno e, com o sopro e com as molas, e com o mesmo processo, cria da informe e ígnea matéria um vaso de pureza clássica. O «murino» está quási completo; falta só o trabalho da pedra de amolar que o alize das asperezas, lhe tire o verniz cristalino, o faça translúcido, e lhe modifique o aspecto. Taças, ânforas, vasos, parecem assim esculpidos, modelados no onix, na agata, no diaspro, na ametista, na turqueza e no mármore.

São notáveis os vidros de Murano. Desta arte de pintar sôbre o vidro, importada de Limoges, e chegada em Veneza, no século XVI, ao mais alto grau de perfeição, dá perfeita lembrança a célebre Coppa Barovier, conservada pelo Museu Cívico. O mérito de ter dado incremento e alta dignidade de arte a êste modo de tratar o vidro, pertence a Francisco Toso Borella, que soube reproduzir à perfeição, tôdas as obras primas dos museus. Resta-nos aludir às atenções que requer cada objecto saído do fogo antes de poder desafiar o tempo. Ainda incandescente como é, tem uma fragilidade extraordinária ao contacto com o ar que, embora quente, é sempre demasiadamente frio para não desagregá-lo. Passam no então atravez uma série de fornos que, um após outro o vão lentamente esfriando. A brusca passagem da altíssima temperatura, à aquela normal, repetimos quebraria o objecto. Esta preocupação das câmaras a calor degradante é indispensavel, tanto para os objectos delicadíssimos de alto valor artístico, como para as simples garrafas estampadas. Trata-se, afinal, de uma noção ao alcance de todos. Mas em Murano, estes casos, revestem em especial gravidade, porque um êrro de temperatura, embora insignificante, comprometeria irreparavelmente um objecto de arte que custa semanas de trabalho.

Transcrevemos a propósito um magnífico trecho de Gabriel D'Annunzio sôbre os vidros de Murano:

«Era um lugar húmido, enodoado de salitre, com um cheiro a salgado, próprio de um antro marítimo. Atravessaram um pátio entulhado de madeira a arder, transpuzeram uma porta carunchosa, chegaram ao forno e sentiram-se mergulhados numa atmosfera ardente; pararam diante do grande altar incandescente, que lhes dava aos olhos um deslumbramento doloroso como se as pálpebras fôssem inflamadas num instante.

«Desaparecer, ser devorada, sem deixar o menor sinal!» exclamava o coração da mulher, ébria de destruição. «Num momento, êste fogo podia consumir-me como a um vime, como a um feixe de palha». Aproximou-se dos orifícios abertos, por onde se viam as chamas fluídas, mais resplandecentes que o meio dia de verão, enroscarem-se aos vasos de argila onde se derretia, ainda informe, o mineral, que os operários, colocados em redor, atrás dos pára fogos, colhiam com uma vara de ferro, para o amoldar pelo sôpro dos seus lábios e pelos instrumentos da sua profissão.

«Virtude do fogo»! — pensava o inspirador, arrancado à sua amargura pela prodigiosa beleza do elemento, que lhe era tão familiar como um irmão desde o dia em que encontrou a melodia reveladora. «Ah! poder dar à vida das criaturas que me amam as formas da perfeição a que aspiro! Poder fundir todas as suas fraquezas no mais alto fervor, e fazer delas uma matéria dócil, onde imprimisse os desígnios da minha vontade heróica e as imagens da minha poesia pura! Porque, minha amiga, porque não has de ser a divina estátua viva, esculpida pelo meu espírito, a obra da fé e da dôr, pela qual a nossa vida pudesse sobrepujar a nossa arte? Porque havemos de confundir-nos com os medíocres amantes que se lamentam e maldizem? Quando ouvi de teus lábios as palavras admiráveis — «Eu posso aquilo que o amor não pode» — julguei que na verdade podias dar-me mais do que o amor. Aquilo que o amor pode e o que êle não pode, é preciso que o possamos completamente e sempre, para igualar uma natureza insaciável».

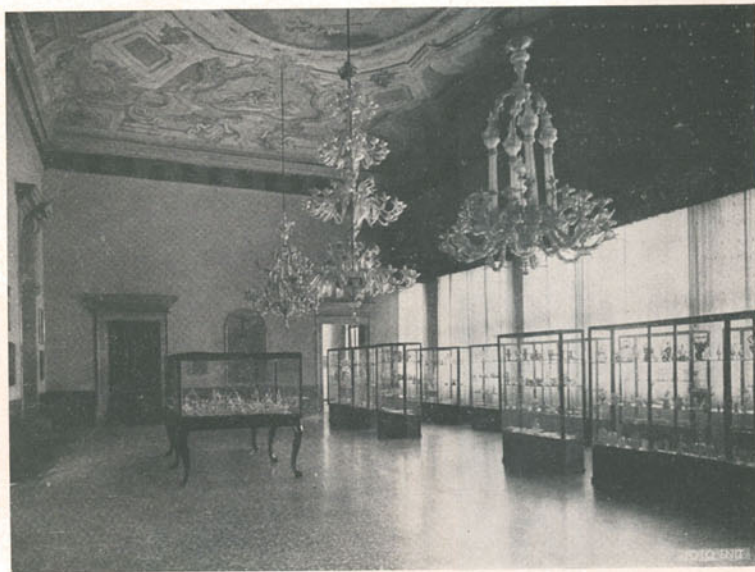
«Era grande o trabalho em volta do fôrno. Na extremidade das canas de soprar, o vidro em fusão inchava, serpeava, tornava-se argentino como uma pequena névoa, resplandecia como a lua, brilhava dividia-se em mil fragmentos ténues, crepitantes, rutilantes, mais delicados que os fios que se vêem de manhã nas florestas, de ramo a ramo. Os operários moldavam as taças graciosas; e cada um obedecia no seu trabalho a um ritmo que lhe era próprio, produzido pela qualidade da matéria e pelo hábito dos movimentos aptos a afeiçoá-la. Pouco a pouco, sob os instrumentos, a vermelhidão da pasta desaparecia; e a taça em formação, fixa na extremidade da cana, era novamente posta ao fogo; depois retiravam-na de lá, dócil, maleável, sensível aos toques mais delicados, que a adornavam, a adelgaçavam, a tornavam conforme ao molde transmitido pelos antepassados ou á invenção livre do novo criador».

É esta a «Indústria do Fogo»!

Quem fôr a Veneza, visite Murano!

Uma sala do Museu de Murano

O CENTENÁRIO DE AMPÈRE

Alguns traços biográficos do glorioso sábio francês

A França, e com ela o Mundo inteiro, vão celebrar em Março dêste ano o centenário da morte do grande sábio André-Marie Ampère.

A Comissão organizadora das festas comemorativas prepara importantes manifestações científicas na cidade de Lyon, destinadas a pôr em evidência o valor das descobertas do ilustre homem de ciência. Se a obra de Ampère é admirável, a sua vida não é menos atraente. Educado no campo, ficou sempre duma timidez e candura admiráveis. Por um paradoxo singular, não freqüentou qualquer escola, nem mesmo durante a infância, e veio mais tarde a fazer uma longa carreira como professor.

Ensinou primeiro física e química na Escola Central de Bourg, depois matemática e astronomia no Liceu de Lyon; mais tarde ainda, análise matemática na Escola Politécnica.

Chamado a ensinar física experimental no Colégio de França, reconheceu que os laboratórios não possuiam material suficiente, e dedicou-se ao estudo da constituição da matéria, elevando os seus ouvintes às mais altas regiões da filosofia. O grande anseio do seu espírito era dar do Universo uma explicação total.

Um dos traços fundamentais do seu carácter era a franqueza, que se manifestava tanto na sua conversação como nos seus escritos.

Nunca dissimulava os seus sentimentos. Em 1796, apaixonou-se de Julie Caron, com quem veio a casar três anos mais tarde. Durante êste período de tempo escreveu o seu diário com a inscrição «Amorum» no alto de cada página. Anotava ali os pensamentos que o agitavam. E por isso se encontram nessas páginas cálculos algébricos de mistura com poesias, e até o começo dum poema épico. Quando relata as suas visitas a Julie confessa que mais duma vez, a sua distracção e falta de tacto, o levaram a ouvir dizer que se fôsse embora.

Certo dia, Julie e sua irmã vieram jantar a casa de sua tia. «Cantaram — escreve êle — mas em lugar do prazer que esperava ter, ia adormecendo».

Tôda a sua vida foi assim escrupulosamente sincero. Mais tarde dizia êle a seu filho Jean-Jacques, que regressara da Itália a seu pedido: «É curioso, meu filho, julgava que tornando a ver-te sentiria mais alegria».

Algumas das suas distracções ficaram célebres. Uma vez, Ampère lia na Academia uma memória sôbre qualquer assunto científico, quando um visitante entrou na sala. Este com um gesto acalmou a agitação súbita da assembleia e ocupou o único lugar vago.

Ampère não dera por nada e ficou por isso bastante surpreendido quando ao terminar se dirigiu para o seu lugar e o viu ocupado por um estranho. Não se atrevendo a dizer nada, olhou para os colegas e por fim dirigiu-se ao presidente:

— Está entre nós uma pessôa estranha a esta agremiação.

— Engana-se — respondeu, sorrindo, o desconhecido — Pertenço à Academia, secção de mecânica, desde 5 de Nivose, ano VI.

Ampère, perplexo, folheou o anuário académico e encontrou «Napoleão Bonaparte».

Muito perturbado, não sabia como desculpar-se. Mas o Imperador, bem humorado, tranqüilizou-o e convidou-o para jantar no dia seguinte nas Tulherias. «Espero-o às 7 horas» — disse

Napoleão à despedida, estendendo-lhe a mão.

No dia seguinte o Imperador foi para a mesa às 8 horas. Ampère, como verdadeiro sábio, tinha-se esquecido do convite.

Foi no exercício da sua missão de professor que Ampère consumiu as suas últimas fôrças. Na primavera de 1836 começou a sua visita anual aos estabelecimentos de ensino, onde devia fazer conferências. A' sua passagem por Saint Etienne os amigos inquietos com o seu estado de saúde tentaram fazê-lo desistir de continuar. Insistiu em cumprir até ao fim a sua missão e morreu alguns dias mais tarde no Colégio de Marselha.

■

Quando se estuda a vida e a obra dos homens ilustres, é interessante investigar o ambiente onde decorreu a sua mocidade e se formou o seu génio. Verifica-se geralmente que todos os grandes homens tiveram uma mão admirável.

Documentos trazidos à luz da publicidade mostram que Jeanne Desutière Sarcey, duma honrada família de Lyon e mãi do grande Ampère, era notável pelo seu espírito e pela sua bondade.

Graças a ela, reinava na casa de Poleymieux uma atmosfera de paz e amor.

Esta mulher que nos é descrita como plácida e dôce, fez quanto pôde para poupar a seu filho as preocupações da vida cotidiana. Quando após o seu casamento, Ampère se instalou em Lyon, sua mãi continuou a cercá-lo de vigilante ternura. Enviava-lhe com freqüência vinho branco, sacos de farinha, frutos da sua pequena propriedade, tal como tôdas as boas mães provincianas.

Esforça-se assim por manter contacto com o filho, desatento, que nunca lhe escreve. As suas cartas, dum estilo correcto, são duma surpreendente elevação nesta mulher de costumes rústicos.

Em 1806, quando Ampère desiludido pelo segundo casamento, é abandonado, apressa-se em chamar sua mãe para junto de si. E pela primeira vez, a tranqüila casinha de Poleymieux ficou deserta.

Graças aos cuidados inteligentes da Sociedade dos Amigos de André-Marie Ampère e da Sociedade Francesa de Electricistas, a casa da família do glorioso sábio em Poleymieux foi transformada em museu que decerto vai agora, por ocasião das festas do centenário, conhecer uma excepcional afluência de visitantes.

■

Ampère viveu em plena época da Revolução Francesa. A sua adolescência foi mesmo enlutada pela violenta agitação social: em 1793 seu pai foi guilhotinado por ter conservado as suas funções de juiz de paz em Lyon, durante o cêrco desta cidade.

Jean-Jacques Ampère cedo tinha compreendido o espírito excepcional de seu filho. Deixara portanto que a inteligência da criança seguisse a sua inclinação natural.

Antes de subir ao cadafalso, escreveu a sua mulher uma carta em que revela uma alma de superior quilate. Depois de dar escrupulosamente as suas últimas instruções sôbre os negócios, dirige a todos palavras de despedida e termina com esta frase profética: «Quanto a meu filho, espero tudo dêle».

Este homem que morreu como tantos outros constituintes, pressentira a brilhante carreira que se abria perante o jóvem Ampère. Deve ter sido isso o seu supremo lenitivo e tôda a vida do sábio foi a realização desta comovedora profecia.

■

Foi a cidade de Lyon a escolhida para a celebração do centenário de Ampère Nenhuma outra estaria mais indicada, pois tanto pela origem como natureza do seu génio, Ampère é um filho de Lyon.

Foi de facto nas bibliotecas daquela cidade que Ampère, muito novo ainda, se iniciou nas matemáticas. Foi ali talvez que nasceu aquele espírito estudioso e sereno que conservou através de tôdas as contigências da vida.

Filia-se ainda no povo lionês pelo desejo insaciável de tudo conhecer. A sua actividade revela-nos essa feição do seu espírito. Foi sucessivamente filósofo, matemático, químico filólogo, botânico e físico. Nenhum ramo do conhecimento humano lhe era indiferente.

Foi por isso com orgulho que os habitantes de Lyon aceitaram a missão de fazer reviver aos olhos de todos a obra imensa do seu ilustre conterrâneo.

O Carnaval nas salas
último refúgio da tradição

Escorraçado das ruas, onde os tempos já não lhe vão propícios, o Carnaval acolhe-se cada vez mais às salas, onde continua a viver a sua agitação efémera, sob as formas modernas dos costumes mais moderados.

Nestes ultimos refúgios o Carnaval que tende a desaparecer mantem a animação, embora perca de ano para ano o seu caracteristico. Já pouco mais é do que um pretexto para bailes, onde as máscaras são raras e os «confetti» e serpentinas aparecem em quantidades mínimas.

Êste ano os bailes do Carnaval tiveram, portanto, farta concorrência. Nos clubes, grémios e agremiações recreativas dançou-se como sempre se dança — isto é, animadamente. Tanto bastou para assinalar a passagem de mais um Entrudo, que doutro modo correria risco de passar despercebido a muita gente.

Damos nesta página alguns dos aspectos mais salientes das diversões carnavalescas, em que a graça chocarreira de outrora cede o lugar a um maior apuro de elegância.

A' esquerda: *Grupos de crianças que assistiram aos bailes infantis do Teatro Nacional e do Gimnásio, ultimas notas graciosas dum Carnaval incolor.*

A' direita: *Um aspecto dum dos concorridos bailes com que no Grémio de Tras-os-Montes foi festejada a passagem do Carnaval dêste ano*

Em cima: *Um lindo friso de raparigas que deu graça e animação ao baile do Grémio de Tras-os-Montes.* A' direita: *O Carnaval do Estoril, célebre pelas suas tradições de cosmopolitismo, e que constitui lugar predilecto de reunião da sociedade elegante de Lisboa*

A' esquerda: *Outro aspecto do elegante baile do Casino Estoril, que foi êste ano abrilhantado pela notável orquestra Planas, especialmente contratada e onde as diversões tiveram o caracter do mais apurado bom gôsto.* Em cima: *A numerosa assistência a um dos bailes de Carnaval no Grémio Alentejano*

AS CRIANÇAS MASCARADAS

unica atenuante para o mau gôsto do Carnaval

Se o Carnaval comparecesse a julgamento sob a acusação de tôdas as manifestações de mau gôsto e brutalidade que o incompatibilizam com o nosso tempo, um último argumento lhe restaria para a sua defesa — as crianças mascaradas.

São elas de facto que nos reconciliam com a sensaboria da quadra carnavalesca. E só elas possuem já o dom de arrancar sorrisos dos rostos apreensivos e sorumbáticos que nesses dias enchem as ruas da cidade, interrogando-se em silêncio sôbre o paradeiro da folia entrudesca.

Inconscientemente, as crianças, com os seus trajos garridos, dão-nos uma nota humorística que tem por vezes aspectos de sátira. Caricaturam gestos e atitudes de gente graúda, com essa graciosidade e inocência que as torna adoráveis.

E é um prazer vê-las nos bailes infantis, agitando-se e rindo, vivendo essa prodigiosa aventura que é para elas envergar nm trajo diferente do usual, um trajo que lhes serve de pretexto a sonhos e fantasias sem conto.

E aí começam a revelar-se as faculdades de interpretação de que cada um dispõe para interpretar a grande comédia que a vida lhe reserva. Esta, vestida de dama antiga, toma atitudes senhoris, recusando-se a olhar-nos sem ser através do seu «lorgnon». Aquele, trajando de toureiro, esforça-se por tomar uma atitude destemida de pessoa afeita a lidar com feras, enquanto outro, de casaca, tem o ar de alguem para quem os prazeres elegantes da vida já não têm segredos.

Mas nada disto enferma ainda dos vícios humanos, e no final do baile, a dama de anquinhas e saia de balão é já amiga inseparável da varina e o homem de sociedade acamarada à vontade com o «cow-boy».

E' assim o Carnaval das crianças e por isso êle é encantador.

Cortejos Carnavalescos em Lisboa e Cascais

Com fins de beneficência realizou-se êste ano, à semelhança dos anteriores, um cortejo na Avenida da Liberdade, no domingo e terça-feira gorda. A animação foi nula, mas a concorrência grande, a-pesar-da chuva teimosa que por vezes caiu. A gravura da esquerda mostra o rei Entrudo cavalgando entre o seu séquito. Em Cascais também se organizou um cortejo carnavalesco. A' direita vê-se o carro da pesca, um dos veículos que nele tomaram parte. O público acorreu numeroso a presenciar o desfile e a isso se resumiram os folguedos nas ruas.

O desafio de foot-ball Portugal-Alemanha

No dia 27 do mês findo, jogou-se em Lisboa, no Estado do Lumiar, o «match» de foot-ball Portugal-Alemanha, cuja apreciação é feita pelo nosso crítico noutro lugar. O encontro despertou grande interêsse e a-pesar-de se ter realizado num dia útil, calcula-se a sua assistência em mais de 30.000 pessoas. A derrota dos espanhois em Barcelona contribuiu para aumentar a ansiedade nos meios desportistas nacionais, que alimentavam a esperança de que o jôgo lhes fôsse favorável, o que não deixaria de constituir um xeque para o país vizinho.

A classe superior dos jogadores alemães tornou, contudo, inevitável a sua vitória que foi de 3 bolas a 1. As selecções alinharam do seguinte modo:

Alemanha (camisola branca com gola vermelha e calção preto) — Ruchslols; Munzenberg e Tiefel; Janes, Goldbrunher e Klebinger; Lehner, Hohmann, Siffling, Szepan e Sumetebeither.

Portugal (camisola vermelha com as quinas nacionais e calção branco) — Soares dos Reis (F. C. P); Simões (C. F. B.) e Gustavo (S. L. B.); Albino (S. L. B.), Rui de Araujo (S. C. P.) e Carlos Pereira (F. C. P.); Mourão (S. C. P.) Vitor Silva (S. L. B.), Soeiro (S. C. P.), Artur de Sousa (F. C. P.) e Nunes (F. C. P.).

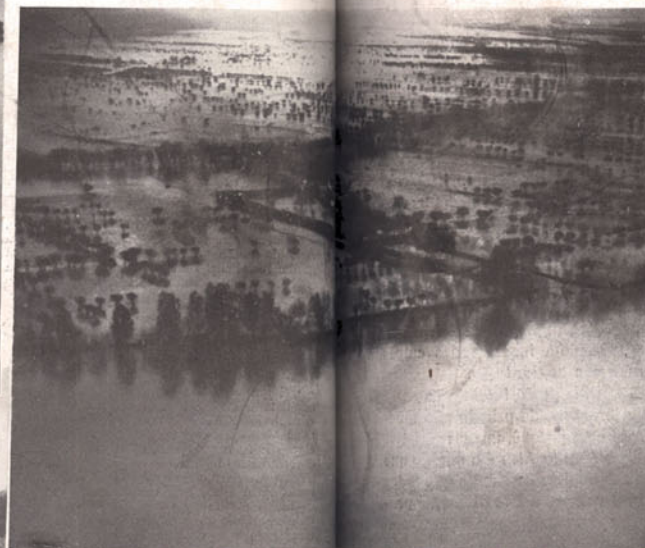
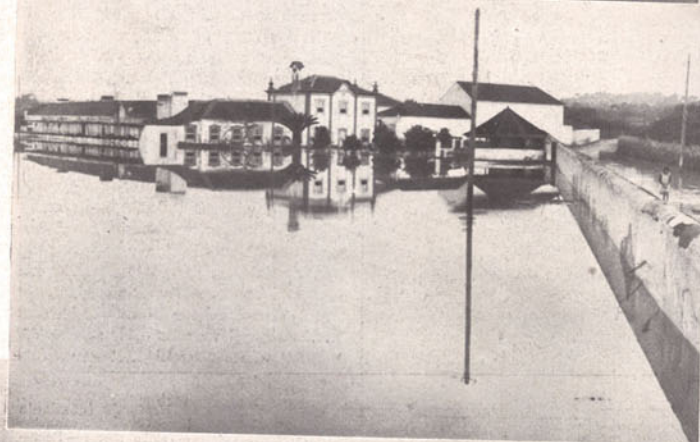
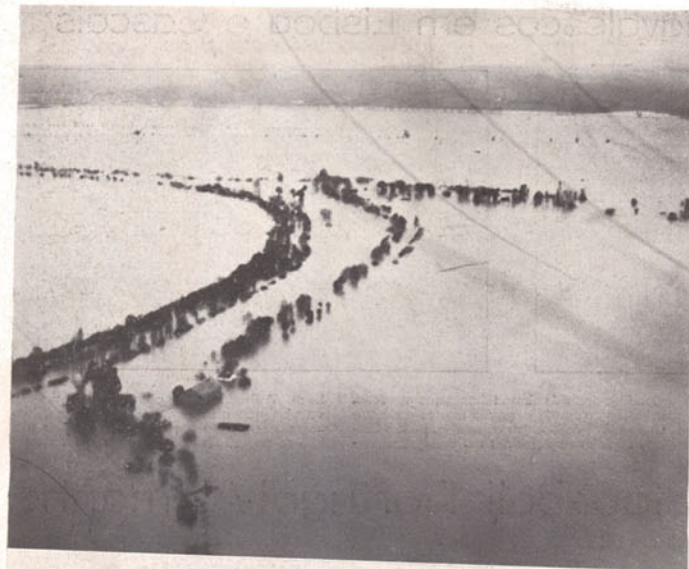
Juiz de campo: Pedro Escartin, do Colégio de Arbitros de Espanha.

As nossas gravuras representam em cima a selecção alemã e em baixo a selecção portuguesa antes de começar o jôgo.

ILUSTRAÇÃO

EXPLORADORE DE ESCANDALOS

Acusa-se a pobr viuva de Stavisky

de ir a Nova York gan pão para os seus filhos

Madame Stavisky (a primeira da esquerda) no French-Casino, de Nova York

HÁ dias, o jornalista francês Jean Nocher botou carta aberta à pobre viuva de Stavisky, ferrando-lhe uma tremenda descompostura por esta ter ido para a América ganhar a vida como figurante de teatro.

Queixava-se o jornalista de que Arlette Stavisky, quarenta e oito horas depois da sua absolvição, assinara um contrato de *show-girl*, e que, decorridos cinco dias, já estava a bordo do paquete que a levaria a Nova York, a exibir-se no palco do French-Casino, na revista "Loucuras de Mulheres»...

Mas que mal haveria em tudo isto?

Lamentava-se ainda o plumitivo puritano de que Madame Stavisky apareceu em Nova York ao correspondente de "Le Journal» que a entrevistou, "tôda chic, magnificentemente vestida como nos seus mais belos dias, com um magnífico casaco de marta», e que, à saída de cêna, lhe dissera: "Não acha que faço bem?... Quero viver!... Ah! reviver!...»

Que diabo queria o jornalista? Que a pobre Arlette, após a saída da prisão onde injustamente a tiveram encerrada, visto terem-na absolvido, andasse coberta de andrajos a estender a mão à caridade pública?... Desejaria que essa mulher se desgostasse de viver, e seguisse o triste exemplo de seu tresloucado marido?

Nessa entrevista, Arlette, num ar de franqueza diz: "O que impressiona os americanos é constar que vim para aqui como *show-girl* por 50 dólares cada semana. Sentem pêna de mim... Mas é bem essa a verdade? No papel, sem dúvida... Na realidade, o sr. Fisher, meu empresário, paga tôdas as despesas que faço. A minha primeira semana de hotel, no "Waldorf Astória», custou-lhe 100 dólares. Agora vivo num "appartement», cujo endereço conservo secreto. Termino as minhas memórias, que êle vai negociar aqui».

E a viuva Arlette acrescenta:

"Recebo cartas de tôda a parte. O meu empresário faz-me uma publicidade monstro: outro dia anunciou que os meus filhos tinham sido raptados; ontem, que o meu "sex appeal» fôra discutido no Congresso de Washington. Mas eu escôlho as minhas relações. O menor passo em falso poderia perder-me aqui. Espero entrar na melhor sociedade».

Madame Stavisky quando foi presa

São estas as tremendas acusações que o citado jornalista atira a essa pobre mulher que passou longos meses no cárcere por um crime que não cometeu, e que, por ocasião do seu desembarque em Nova York, se limitou a declarar aos jornalistas que a assediavam com preguntas: "Venho trabalhar para os meus filhos!»

Pois o jornalista parisiense, irritado com a acção de Arlette Stavisky, chega mesmo à brutalidade hedionda de confessar-se arrependido por ter sido um dos que pleiteou pela libertação duma inocente, e a fazer vêr que, se soubesse o que hoje sabe (a assinatura do contrato para Nova York) não daria um passo a defendê-la, embora sabendo-a inocente das culpas do seu falecido marido!

Que Deus lhe perdoi!

Mas o jornalista, despeitado não sabemos ainda bem porquê, insiste:

"...Se o Alex (o Alex é o marido que morreu nas trágicas condições que todos conhecem) voltasse a êste Mundo, é provável que se arrependesse da famosa carta que enviou aos filhos antes de morrer e na qual lhes pedia que considerassem a mãe como uma "madona»... É verdade que, depois do livro de Dekobra, há madonas dos "sleepings»...

Que reles coisa! Mal empregado dinheiro que o sr. Nocher, pai, gastou na educação do filho!...

Após tantos desgostos, tantas contrariedades, tantas perseguições, a pobre Madame Stavisky ainda terá de suportar mais esta!...

Madame Stavisky a caminho de Nova York

O sr. Nocher (Deus lhes perdoi!) teria preferido que a pobre Arlette se limitasse a ser porteira como a esposa de Dieudonné!... Mas, arvorar-se em Greta Garbo, isso não... isso poderia render muito dinheiro, e aos filhos de Stavisky qualquer côdea os contentaria!

Num desabafo que devemos registar, o jornalista desmascara-se quási totalmente:

"Em suma, cara senhora, embarrilou-nos com tôda a limpeza — e a mim antes dos outros, pois que fui eu que encetei a campanha em sua defesa, num momento em que todos os jornais de grande informação estavam contra si. É certo que já então as minhas ilusões não eram grandes: "L'Oeuvre» defendia na sua pessoa os seus filhos infelizes e também o simples direito desprezado. De modo que, na realidade, não temos que nos arrepender de ter defendido, a propósito da senhora, uma causa que a ultrapassava infinitamente. Mas os nossos escrúpulos de imparcialidade obrigam-nos a esta "mise au point», para que os nossos leitores distingam nitidamente a mãi dolorosa que a senhora foi do manequim vagabundo que agora é. Porque nunca se deve confundir a Justiça eterna com a sua encarnação fugaz... A carne é tão fraca, minha cara senhora!...»

Francamente, o tal jornalista, com tôda esta lenga-lenga, ou é refinadamente mau ou supinamente parvo, senão as duas coisas juntas...

Vem a propósito citar um facto que ainda está na memória de todos, e que data da adversidade que feriu a ex-imperatriz Zita.

Nessa altura, um grande empresário *yankee* mandou oferecer à antiga soberana da Austria um contrato vantajosíssimo que a encheria de dinheiro, se estivesse resolvida a aceitar o papel de protagonista de um grande filme que entraria logo em realização.

Compreende-se; o empresário dava largas à sua generosidade na mira de centuplicar o capital que empatasse naquêle magnífico negócio

Tôda a publicidade que desenvolvesse em volta da nova estrêla da sua empresa, viria a reverter em seu proveito.

Bem lhe importava a êle que se tratasse de uma pobre mãi rodeada de filhos, e sem pão para lhes dar!

O mesmo sucede agora com Arlette Stavisky. Mau grado seu, perdeu tràgicamente o marido, cujo nome ecoou no Mundo inteiro. Ela própria celebrizou-se, mercê de um processo ruidoso... Era, enfim, uma mulher falada em tôdas as partes do globo! Pronto! Toca a contratá-la enquanto a fama não arrefecia...

Ora, se a ex-imperatriz Zita recusou, alegando razões ponderosas, Arlette Stavisky não era mãi de um príncipe que ainda esperasse cingir uma corôa... Daí, aceitou o contrato.

Nada mais natural, a nosso vêr. De resto, o empresário de Nova-York, explorando a celebridade da viuva de Stavisky, fez o mesmo que muitos outros fazem, incluindo o citado jornalista puritano que não deixará de puxar para o seu jornal, em primeira mão, o exclusivo das Memórias de Madame Stavisky que devem trazer mais uns milhares de leitores.

Madame Stavisky nos seus dias felizes

Madame Stavisky e os seus filhos

Raio de moralidade esta do sr. Jean Nocher! Como Madame Stavisky, têm ido para essas Américas milhares de "girls», algumas das quais abandonando os filhos, e êle nunca se preocupou, que nos conste, com tão insignificantes incidentes...

Se fôssemos a vasculhar bem os sentimentos de um tal puritano, não deixariamos de encontrar um novo Bamatabois a enregelar o pescoço escrofuloso das pobres Fantinas que ainda arrastam por êsse Paris imenso a sua miséria desoladora.

Faltaria apenas um Victor Hugo que lhe focasse a sua malvadez repugnante mal disfarçada numa caridade de cronista mundano.

Assim, a coberto das teorias equívocas de M. Dekobra, o jornalista Nocher entretem-se a debicar em toda e qualquer mulher que não se digna descer á triste situação da mãe da pobre Cosetta.

E não se vai dando mal, pelo visto Faz assim uma tal ou qual popularidade que lhe ampara, melhor ou pior, o cargo que ocupa na redacção do seu jornal.

Este caso Stavisky deu-lhe pano para mangas, e continua a dar-lho, como se verifica pelos factos expostos. Explorado o aventureiro ficava-lhe a viuva.

Aproveita as ocasiões para brilhar e, como explorador de celebridades, não olha aos meios para alcançar os fins.

Gomes Monteiro.

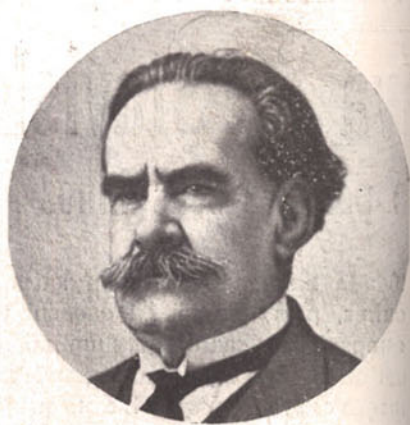
FIGURAS E FACTOS

Impressionante desastre de viação

NUMA curva da estrada entre Mafra e Malveira, um automóvel conduzido por José Matias despenhou-se por uma ribanceira. O «chauffeur», que era o único ocupante do veículo, sofreu fractura do crânio e teve morte instantânea. O automóvel ficou na posição que a nossa gravura representa.

Menezes Ferreira

A morte, que não escolhe idades, acaba de nos arrebatar um grande amigo, cuja falta não será suprida fàcilmente.

O capitão Menezes Ferreira, valoroso combatente da Flandres e da África, era também um artista de mérito, que deixa uma obra apreciável.

Brito Camacho

UM novo livro de Brito Camacho, um volumoso livro intitulado «Portugal na Guerra», em que o autor declara em prefácio não poder dispensar-se de o escrever, em face da tremenda campanha travada contra êle desde 1914 a 1916. Páginas que ficam para a história e através das quais passa ainda a alta figura do gigante que as traçou.

Este livro «Portugal na Guerra» ficará sendo um dupla relíquia: porque encerra pedaços de Alma Portuguesa confrangida por uma espantosa catástrofe, e porque nos evoca ainda a mão firme e honrada do seu glorioso autor.

Silva Tavares

OUTRO livro do poeta Silva Tavares que nos têm deliciado com obras magistrais que o povo decorou, numa consagração sem limites Desta vez não é verso. O poeta apresenta-nos a novela «Um homem de sorte» que tanto pode focar certa e determinada personagem, como o próprio autor. Sim, porque o homem da sorte é êle dêsde que publicou o seu primeiro livro — e já têm duas duzias dêles, pelo menos - e sempre com êxitos cada vez maiores, mais belos e mais florescentes.

Ao dr. Samuel Maia, autor de "O Vinho,,

DOCTEUR DE LOUREIRO

OS trabalhos literários do dr. Samuel Maia merecem não só êxitos extraordinários em Portugal, como no Estrangeiro.

O «Office International du Vin», com séde em Paris acaba de conceder ao ilustre escritor português uma medalha de arte pelas suas última obras literárias sôbre o vinho. Igual homenagem prestou ao dr. Samuel Maia o «Comité National de Propagande en Faveur du Vin», também com séde na capital francesa, patenteando assim o alto apreço em que tem os trabalhos literários do autor de «O Viuho».

As gravuras que reproduzimos apresentam o verso e anverso das medalhas que o dr. Samuel Maia acaba de receber.

Manobras navais de 1935

A bela fotografia que reproduzimos na capa do presente número, e que representa uma esquadrilha da Aviação Naval sobrevoando a formosa capital da ilha da Madeira, foi-nos gentilmente cedida pela Vacuum Oil Company, fornecedora de gasolina e óleos lubrificantes utilizados nesse cruzeiro.

Mauricio de Oliveira

O brilhante jornalista Mauricio de Oliveira é hoje talvez o único capaz de escrever com segurança sôbre a Marinha de Guerra do velho Portugal descobridor que levou as suas naus portentosas aos confins do mundo. A sua última obra «Armada Gloriosa», mostra-nos a grandeza do seu talento.

Noémia Sarmento

O último recital, realizado há dias no Salão do Conservatório pela jovem e notável pianista Noémia Sarmento, constituiu um verdadeiro acontecimento artístico. Rui Coelho, aludindo ao seu merecimento, diz que «Noémia Sarmento é uma talentosa pianista com raras qualidades de «solista», e que, com êste recital, acaba de conquistar mais uma grande vitória numa carreira tão cheia de dificuldades, como é, em todos os países, e em todos os tempos, a de concertista».

Cônscia das suas responsabilidades, a jóvem artista continuará, temos a certeza, não só a manter os seus triunfos, mas a ampliá-los na área do seu vasto talento.

Incêndio na Estrada de Benfica

NA madrugada do dia 16 do mês findo manifestou-se violento incêndio num prédio da Estrada de Benfica, onde se encontravam armazenadas algumas dezenas de toneladas de ervas empregadas para chás, a que se atribuem virtudes medicinais. O sinistro causou prejuízos consideráveis que só não foram maiores devido à presteza dos socorros. A gravura mostra um aspecto do ataque ao incêndio em que tomaram parte os bombeiros de Benfica, os dos quartéis 2, 5 e 11, e os Voluntários Lisbonenses. Ficou ferido um bombeiro numa das mãos.

Homem Christo

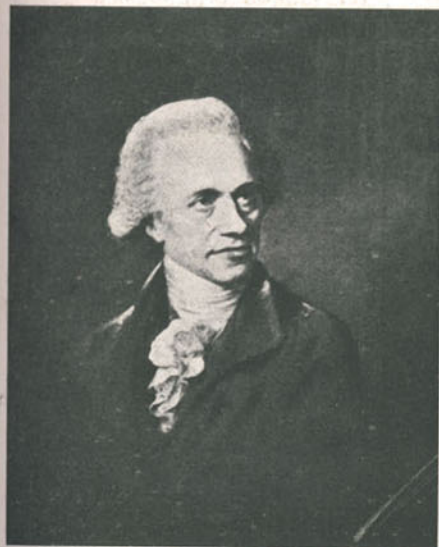
O terrível fundibulário de Aveiro acaba de publicar um livro de memórias que intitulou: «Notas da minha vida e do meu tempo», que empolgam desde a primeira à última página.

Pelo seu feitio independente e até arisco, Homem Christo tem muitos inimigos, mais até dos que possa supôr. Mas pode gabar-se também que até por êsses é lido... e sinceramente admirado...

Grande coisa é ter talento!

MARÇO E OS SÁBIOS

O mês de Março, que se apresenta sempre manso como o cordeiro do signo zodiacal que o simboliza, tem por vezes assômos traiçoeiros de serpente.

Anunciando a Primavera por entre tufos de verdura e flores matizadas, atraíu a si três grandes sábios — Newton, Laplace e Volta — para lhes dar a morte.

Herschel

Foi neste mês de Março que se extinguiu a vida do excelso Isaac Newton, o pai da filosofia natural, que, tendo nascido no ano da morte de Galileu, parecia fadado a continuar e engrandecer a obra portentosa do famoso descobridor do movimento da Terra.

E pur si muove!

Newton, mais feliz por poder dar livre curso ás suas descobertas científicas, fixou a lei da gravitação universal sem que a letra das Escrituras o viesse contrariar como anos antes fizera ao glorioso inventor do telescópio que teve de mentir para salvar a vida... e o bom nome de Josué que fez parar o Sol.

Newton trabalhou livremente na sua libérrima pátria inglesa, conseguindo provar a decomposição da luz, embora de uma maneira diferente da atribuida pelo «Genesis» a Jehovah.

No mês de Março de 1727 morreu êste sábio com oitenta e cinco anos de idade.

Cem anos depois, e nêsse mesmo mês, morria Laplace, o grandioso inventor do sistema cosmogónico que tem o seu nome.

E no mesmo dia (5 de Março de 1827) entrava na agonia o famoso Alexandre Volta que iluminou o Mundo.

Este sábio foi uma das mais perfeitas vocações científicas de todos os tempos.

Na sua infância, os brinquedos que mais o atraíam consistiam em construções de aparelhos que pudessem concentrar as energias ocultas e poderosas da electricidade que a criança não entendia, mas adivinhava.

Laplace

Isaac Newton

Entrando na mocidade, Alexandre Volta deu logo sinal de si, realizando uma dissertação em latim que intitulou *De vi aitrativa ignis electrici*, que assombrou os sábios do seu tempo.

Volta tinha, nesta altura, dezoito anos de idade!

Desde então, a sua carreira foi uma longa série de êxitos formidáveis. Aos trinta anos descobria o *electróforo* que revolucionou as ciências da sua época. Seguiu-se o *condensador electrico* que ultrapassou a anterior descoberta.

Mas o grande, o autêntico triunfo do sábio estava ainda para surgir em toda a sua imponência...

Reconhecendo o fenómeno electrico que se produz pelo simples contacto dos corpos, o sábio Volta concebeu a *pilha electrica* que realizou ao cabo de aturadas experiências, e que tem o seu nome.

Calcule-se a retumbância em todo o Mundo!

Após a conquista da Itália, Bonaparte, que não perdia a menor ocasião de se chegar aos sábios, manifestou a Volta a alta consideração em que tinha os seus méritos.

E vai o Volta, italiano de nascimento, deixou-se adular pelo côrso invasor da sua pátria, e aceitou a recepção que Bonaparte lhe preparava em Paris, com todas as honras inerentes a um sábio. O facto de não estar muito polido na língua francesa, não o preocupava muito, visto o côrso estar habilitado a falar-lhe em italiano, como italiano renegado que era...

E lá partiu o sábio para Paris, onde Napoleão o cumulou de honras, nomeando-o membro do Senado com o título pomposo de conde!

O senhor Conde de Volta! Maldito título! O sábio Alexandre Volta conseguiu fazer luz, não só para os olhos, mas para os espíritos, visto que os resultados colhidos até hoje fôram alumiados pela sua pilha mágica. Ao pôr-lhe uma corôa de conde, à guisa de marca da fábrica, essa mancha nobiliárquica, acrescida pelo eclipse total de patriotismo, poderia dar trevas, das quais nada de bom e de útil surgiria para a humanidade.

Emfim, se Alexandre Volta procedeu mal, o mês de Março encarregou-se de o castigar, matando-o sem apêlo nem agravo.

Da sua falta de patriotismo está perdoado pela própria Itália que, em boa verdade, não soube reconhecer-lhe o valor na devida altura. E, mesmo que assim não fôsse, a humanidade, grata pelos benefícios recebidos, não deixaria de o rehabilitar e colocar no pedestal honrosíssimo a que tem direito.

Volta apresentando a Bonaparte a sua pilha electrica

SOB O VÉU EUSA ISIS

BEETHOVEN-TEÓSOFO

O único refúgi dum grande génio

Uma expressão do colosso

VAI passar mais um ano sôbre a morte de Beethoven, o mais extraordinário talento musical que ainda apareceu no Mundo.

Uma testemunha ocular deixou assim descrito o triste acontecimento da morte do colosso.

"Pouco depois das cinco horas do dia 26 de Março de 1827, sobreveio uma densa obscuridade, seguida de uma repentina chuvada. Á cabeceira do moribundo encontravam-se apenas sua irmã e o seu amigo Hüttenbrenner. A chuva parou, deixando os campos e as ruas cobertos de água e neve. Nisto, fulgurou um vivíssimo relâmpago, seguido de um trovão pavoroso. Beethoven, cujos olhos estavam quási cerrados, ergueu-se do travesseiro, e, cheio de majestade, estendeu o braço direito como um general que dirige um exército, ou como o director de uma imensa orquestra, que desafiasse a morte... Tudo isto se passou num instante: braço e corpo caíram pesadamente. Momentos depois, o heroi estava morto, voando nas asas da tempestade o seu incomparavel espírito„.

A casa de Heiligenstadt onde morreu Beethoven

Como os ascetas do Tibet, Beethoven viveu, com curtos intervalos, isolado do Mundo, nos seus dez últimos anos. Adquiriu uma paixão sobrehumana pela Natureza, paixão de tão eloqüentes testemunhos deixou nas suas obras, especialmente na sua VI Sinfonia. Identificado com o vento e as tempestades, éco fiel dos que se desencadeavam eternamente no seu espírito, escrevia assim:

O meu reino está no ar, a minha alma vibra com os murmúrios do vento!„

Quando a sua surdez o isola em absoluto de todo o exterior, eleva-se acima da região das águias, remonta aos mais altos píncaros, e lança, divizinado, o seu canto de amor à humanidade dos tempos futuros, o hino imortal à alegria transcendente, como o mais belo resplendor dos deuses.

Quando desce do seu êxtasi, escreve no seu *Diário* com o estoicismo de um santo:

"Resignação! resignação absoluta com a tua sorte!... De hoje em diante não viverás para ti, mas para a tua arte.

"Trabalhando te elevarás ás alturas da tua arte: uma sinfonia mais, uma apenas, e então, fóra, fóra desta vulgaridade!„

Beethoven foi um teósofo fervoroso, um teosófo na verdadeira acepção do têrmo, procurando profundar a ciência das coisas divinas, e estabelecendo por si, e não por meio de ritos convencionais, a estreita comunicação com Deus.

Modêlo de místico lirismo teosófico são as páginas do seu testamento, em cujo final diz a seus irmãos: "Ensinai os vossos filhos a cultivar sempre a virtude, porque é a virtude, e não o dinheiro, que dá a felicidade. Falo-vos com experiência, porque na virtude encontrei sempre alívio para a minha miséria. O amor à virtude, com o amor à minha arte, salvaram-me da tentação de pôr fim aos meus dias„.

Quanta amargura nestas curtas linhas!

Friedrich Kerst, na sua magnifica obra: "Beethoven: o homem e o artista revelado pelas suas próprias palavras,„ faz estas afirmações:

"A música de Beethoven não era apenas uma manifestação do belo, uma arte, mas uma religião da qual êle próprio se sentia sacerdote e profeta. Tôda a misantropia engendrada nêle pelas suas desventuradas relações com a humanidade, não conseguiu apagar no seu coração a devoção por êste ideal que se esforçou sempre em traduzir com a mais requintada expressão artística, e revigorar e aumentar pela introspecção filosófica e pela meditação„.

Beethoven no seu leito de morte — apontamento da época

"Beethoven — acrescenta Kerst — era um homem profundamente religioso no mais completo sentido da palavra, mas não um homem crente em qualquer religião positiva. Nascido sob a égide da fé católica, conquistou desde verdes anos um critério independente na apreciação dos problemas religiosos. O seu período de livre pensamento e nacionalismo começou muito cêdo. Isto não obstou a que, nos últimos tempos, quando compoz a sua grande "Missa em *ré*„ em honra do seu protector, o arquiduque Rodolfo, pretendesse obter o logar de mestre de capela, o que não conseguiu, apesar da elevação do seu homenageado á categoria de arcebispo de Olmutz. A fórma e as dimensões da sua missa tinham o defeito de saír dos moldes do ritual. Como se vê, a liberdade foi sempre o princípio fundamental da vida de Beethoven. O seu livro favorito era a obra prima de Sturm, "Deus na Natureza„, que mais de uma vez recomendou aos sacerdotes que instruíssem o povo com êle.

"Beethoven via a mão da Divindade nos mais insignificantes fenómenos naturais, manifestando assim ser um verdadeiro teósofo. Deus era para Beethoven o Princípio Supremo ao qual entôa um hino na parte coral da IX Sinfonia, sôb as palavras de Schiller: "Miríades de seres, eu vos abraço! Um imenso abraço para o Mundo Inteiro! Irmãos, sôbre a abóbada celeste deve morar um Pai amantíssimo!„

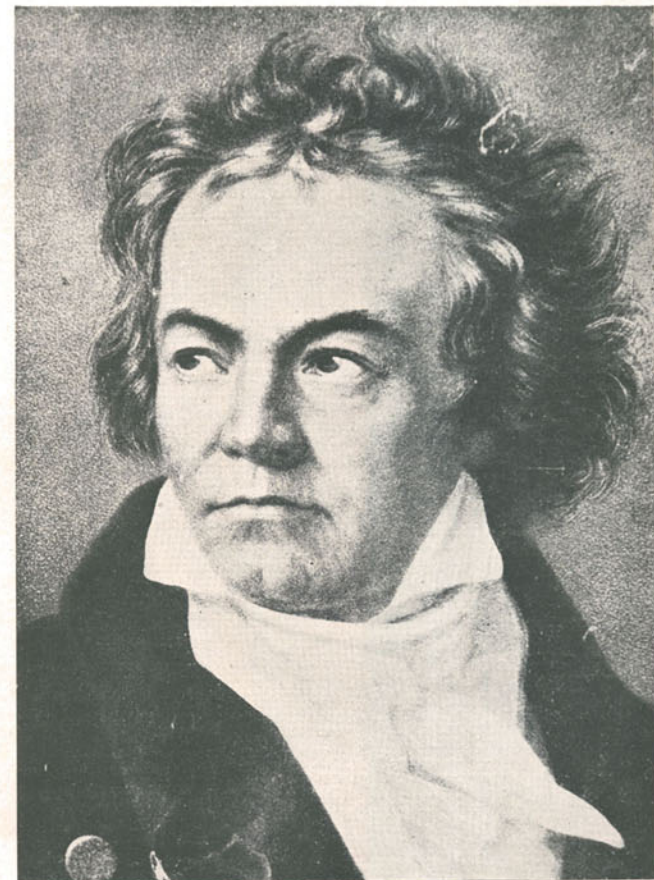
"As relações de Beethoven com a Divindade eram as de uma criança com seu pai, confiando-lhe as suas penas e as suas alegrias„.

E, no entanto, nunca foi católico nem mesmo cristão!

"Certo dia — é ainda Friedrich Kerst que o revela — esteve Beethoven em grave risco de ser alcançado pela excomunhão eclesiástica por ter dito que Jesus tinha sido apenas o mais puro dos homens e um judeu.

"Haydn, ingenuamente piedoso, qualificava-o sempre de ateu...„

Não tinha razão o grande músico na apreciação que fazia do seu grande Mestre. Se Haydn pensasse uns momentos com frio raciocínio, verificaria que o colosso de Bonn era mil vezes mais deísta do que êle próprio. E Kerst remata assim as suas considerações:

As últimas palavras a seus amigos fôram ao que parece as classicas "Plaudite, amici, comœdia, finita est„, palavras que uns reputam sarcasticamente alusivas à extrema-unção que, momentos antes, recebera, e outros como uma evocação socrática, pois admirava o grande filósofo grego.

Beethoven na pujança do seu triunfo

A hora da Inspiração

Não devem ter razão os últimos, tanto mais que Sócrates não teve nunca semelhante expressão que era dos actores romanos solicitando os aplausos do público.

Como essas piedosas imagens que vemos nos altares, essa criança carregava com o pesado madeiro redentor da sua cruz, que era a sua música... uma música que esteve condenado a não ouvir desde os trinta anos até ao dia da sua morte.

No entanto, Beethoven, sendo surdo, dá-nos mundos de celeste harmonia como Homero ou Milton, sendo cegos, nos dão paisagens divinas que nenhum pintor ainda soube reproduzir fielmente na tela!

Sôbre a sua mesa de trabalho teve constantemente à vista a alegoria da Deusa egipcia Isis, e por baixo uma significativa legenda feita por seu próprio punho. Dizia assim: "Eu sou a que fui a que sou e a que serei e nenhum mortal levantou ainda o meu veu„.

Festas de Caridade

«Chá Mah-jong»

Com uma enorme e selecta frequência, realisou-se na tarde de quinta-feira 16 de Janeiro último, nos salões do Turf Club, a aristocrática agremiação do Chiado, um «chá Mah-jong» de caridade, organisado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e corpo diplomático, de que faziam parte as seguintes: D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Alice Pinto Basto, D. Beatriz Figueira Freire da Câmara da Costa Veiga, condessa de Castro, condessa de Castro Marim, condessa das Galveas (D. Maria), condessa do Seisal, D. Daise Maria Cohen de Betencourt, D. Júlia Abecassis Seruia, D. Margarida Pinto Basto de Almeida, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, D. Maria do Carmo da Silva Carvalho Santos Lima, D. Maria da Conceição Homem Machado Pizarro de Melo, D. Maria Eugénia Correia de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Fernanda de Melo Beirão, D. Maria Inácia de Castelbranco, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Maria de Pilar Sôto Maior Pinto Basto, D. Maria Tereza de Lancastre Ferrão de Castelo Branco, D. Pepita Teixeira Soares, D. Sofia Baerlein de Castel-Branco, D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, cujo produto se destinava a favor da Casa de Trabalho da Divina Providência de Paço d'Arcos.

Carnaval Elegante

Durante a quadra carnavalesca, marcaram pela elegância além de algumas festas particulares, em que sobresaíu a realizada na noite de segunda-feira gorda na elegante residência dos srs. Condes de Monte Real, as realizadas nos Clube Tauromáquico, Grémio Literário, em Lisboa, e no Casino Estoril, na Costa do Sol.

As duas primeiras realizadas respectivamente nas noites de sexta-feira e segunda-feira gorda, fôram elegantemente concorridas, oferecendo os salões das suas sédes, ambos na rua Ivens, aspectos verdadeiramente encantadores, para o que muito concorreu o grande número de famílias da nossa primeira sociedade que ali deram pontos de reunião, e a segunda efectuada no Casino Estoril, foi nas noites de sábado gôrdo e terça-feira de carnaval, constituiu sem dúvida alguma, o maior êxito da época de carnaval, não só pela animação em que decorreu, como sôbre tudo pela sua selecta concorrência; em que notavam tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, tanto de Cascais e Estoris, como de Lisboa.

Casamentos

— Realizou-se na paroquial de Santa Maria de Belem, o casamento da sr.ª D. Licinia Folgado Costa, gentil filha da sr.ª D. Ana Folgado Costa e do sr. Henrique Pedro da Costa, com o alferes sr. Fernando Louro de Sousa filho da sr.ª D. Maria da Natividade Louro de Sousa e do sr. António Martins de Sousa.

Foram madrinhas as sr.as D. Cândida Folgado da Costa Cerqueira e D. Aida Bela Castelo Branco Lucas de Sousa e padrinhos os srs. dr. João Dias Folgado e dr. Manuel José Lucas de Sousa.

Ao acto presidiu o reverendo prior da freguezia monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria partindo os noivos depois para o Porto, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na paroquial do Socorro, realisou-se o casamento da sr.ª D. Matilde Sousa Feio Castro, interessante filha da sr.ª D. Matilde Romero de Castro e do sr. dr. Joaquim de Sousa Feio e Castro, com o dr. Augusto Ferreira Cabral, filho da sr.ª D. Maria Octávia Cabral e do sr. Gustavo Ferreira Cabral.

Foram madrinhas a sr.ª D. Henriqueta Vieira da Silva e a mãi do noivo e padrinhos o sr. almirante Vieira da Silva e o pai do noivo.

Presidiu ao acto o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Para seu sobrinho o sr. Francisco Fons, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Rafaela Fons Tota, espôsa do sr. Alberto Tota, a sr.ª D. Maria Tereza Joice, gentil filha do sr. dr. António Joice.

— Realisou-se na paroquial de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.ª D. Aurora Anglen da Cruz, com o sr. Vital António Colares Pereira, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Zelly da Cruz Maury, e o sr. Carlos José Mário da Cruz, respetivamente tia e pai da noiva e por parte do noivo a sr.ª D. Maria Izabel Pessanha Barboza de Centêno e o dr. António da Costa Caldas, tio do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssima lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Pela sr.ª D. Maria Adelaide Guerreiro de Sousa, foi pedida em casamento para seu filho Manoel, distinto engenheiro, a sr.ª D. Maria Amélia Coelho de Campos, interessante filha da sr.ª D. Maria de Jesus Figueiredo de Almeida de Campos e do sr. Luís Coelho de Campos, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Na paroquial de Santa Maria de Belem, realisou-se o casamento da sr.ª D. Maria Leonor Beltrão de Seabra Teixeira de Lemos, gentil filha da sr.ª D. Maria Francisca Seabra Beltrão de Matos Teixeira de Lemos, e do sr. Joaquim Teixeira de Lemos, já falecidos, com o distinto engenheiro agrónomo sr. dr. Nuno Botelho de Gusmão, filho da sr.ª D. Josefina Botelho de Gusmão e do sr. dr. Nuno Gonçalves Botelho de Gusmão, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os drs João Velho Guedes de Matos e Eduardo Fernandes de Oliveira, tio dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residencia da mãe da noiva, seguindo os noivos, aquêm fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para Sintra, onde fôram passar a lua de mel.

— Realisou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Celeste da Natividade de Mascarenhas, interessante filha da sr.ª D. Angelina de Mascarenhas e do sr. Ernesto de Marcarenhas, com o sr. dr. Rodolfo Lavrador, filho da sr.ª D. Maria Eloisa Lavrador, já falecida e do sr. Francisco José Lavrador, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Luiza Lavrador e Silva, irmã do noivo, e de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos tios da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos, um grande número de artísticas prendas.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Izabela de Souza e Castro Black Freire de Andrade, para seu irmão o sr. George de Sousa e Castro Black, a sr.ª D. Maria Tereza Henriques de Lencastre (Alcaçovas), gentil filha dos srs. Condes das Alcaçovas, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Presidido pelo reverendo Silvestre Gonçalves, prior da freguezia que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial dos Santos Reis, ao Campo Vinte Oito de Maio, o casamento da sr.ª D. Maria Gabriela Cordeiro Feio Mendes Pereira, interessante filha da sr.ª D. Julieta Cordeiro Feio Mendes Pereira, já falecida e do sr. José Alexandre de Campos Mendes Pereira, com o sr. dr. Edgard Loureiro Martins Flôres, filho da sr.ª D. Julieta Loureiro Martins Flôres e do desembargador sr. dr. Delfim Martins Flôres, tendo servido de madrinhas a sr.ª Condessa de Idanha-a-Nova, e a mãe do noivo e de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva um finíssimo lanche.

— Na Idanha-a-Nova realisou-se presidido pelo reverendo Joaquim Pedro Goulão, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Stela Seabra Castel-Branco, gentil filha da sr.ª D. Ricardina Seabra Mascarenhas Castel-Branco e do sr. José de Campos da Silva Castel-Branco, com o sr. dr. Manuel Lopes Falcão Junior, filho da sr.ª D. Catarina Lopes Falcão e do sr. João Lopes Sanches Pereira, já falecido, servindo de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os srs. Ricardo Seabra Conde e dr. Manuel Lopes Falcão. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quêm fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Lisboa, onde vieram passar a lua de mel.

— Para seu filho Rólliz de Macedo, director artístico e locutor do Rádio Condes, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria da Glória Lopes de Macedo, a sr.ª D Ivóne da Costa Reinaldo, interessante filha da sr.ª D. Deolinda da Costa Reinaldo e do sr. Manuel da Silva Reinaldo, devendo a cerimónia realisar-se no próximo mez de abril.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Maria Helena do Rosário Santos com o sr. Marc Le Noir. Os noivos e os convidados na capela dos Confeiteiros

A GRAÇA DO BRINQUEDO

Não há mulher nenhuma, que não sinta o encanto do brinquedo. Não só porque no espírito feminino ha sempre uma certa infantilidade, mas também porque o instinto da maternidade, que existe em toda a alma de mulher normal e bem formada, lhe faz sentir o prazer que o brinquedo causa á criança e a felicidade que ela sente ao recebê-lo.

Ao passar numa vitrine em que estão expostos brinquedos, ao entrar num basar em que ha milhares de brinquedos, tôdas nós, nos alvoroçamos e sentimos o prazer das crianças queridas para quem os vamos comprar, e, escolhemos segundo as predileções que elas mostram, o que mais lhes pode agradar e as pode encantar.

E' bem natural êste sentimento, porque em todos nós perdura a recordação da infância. Porque foi o tempo mais feliz da nossa vida como muito se tem usado dizer? Não, porque ha infâncias que não fôram felizes, crianças que perderam os pais, outras que a mãe deixou, e essas infâncias fôram forçosamente tristes.

Esta persistente recordação da infância que se alonga pela vida fóra e que persiste mesmo nos velhos de avançadíssima idade, que esqueceram muitas vezes tudo, mas se lembram sempre de quando eram pequenos, e que falam dêsse remotíssimo tempo como quem fala do que passou ontem, deve vir talvez de que são anos em que vivemos com toda a fôrça, com toda a energia do organismo e que na nossa imaginação, «film» por estrear, mais se retratam e mais duram.

E' por isso que dar felicidade a uma criança é dar-lhe sol que doire toda a sua vida, por longa que ela seja.

O brinquedo é um dos elementos de felicidade para a criança, todos nós em pequenos tivemos um ideal de brinquedo mais ou menos realizado e que nos fica pela vida adiante.

Em criança uma das minhas fantasias era ter um cãosinho de pelo, que imitasse muito bem os cães vivos de que tinha um certo mêdo. E

nunca tive êsse cãosinho, tive muitos brinquedos alguns lindos, para aquela época, mas o cãosinho foi um ideal que se não realizou e hoje quando vejo um lindo cão para as crianças brincar, ainda sinto uma certa emoção.

Não ha como os ideais, que se não realizaram para durarem no espírito e para serem os mais queridos, aqueles que na idade madura, se lembram com uma mais funda saudade é uma maior ternura.

O brinquedo tem-se aperfeiçoado extraordinariamente nestes últimos anos. Como estamos longe de certas bonecas conservadas nas famílias como relíquias que tinham o corpo em pelica, cheio de serradura e a inexpressiva cara em cêra.

Hoje a boneca tem expressão, tem por assim dizer vida. Ha as bonecas «signées», as Lenci, com as suas expressões de crianças precoces, duma graça latina com séculos e séculos de civilização em que se sente a vivacidade duma raça.

As bonecas francesas com os seus caracois admiravelmente penteados e as boquinhas franzidas, sempre num gesto de coquetismo, que nós encontramos nas crianças desse país, onde desde a boneca á mulher só ha um desejo: ser bela e agradar.

Nas bonecas inglesas temos o «baby» êsse ingénuo boneco, que tem a deliciosa expressão do menino da sua raça, desse animalzinho perfeito, sem precocidades nocivas, admiravelmente tratado, que é o bébé inglês.

A boneca alemã, com as suas bochechas redondas, as suas trancinhas côr de palha de trigo, é bem a boneca que há de encantar essas plácidas crianças, que as admiram, com os seus olhos dum azul de faiança.

Mas o brinquedo não é só a boneca são tantos e tão variados, que hoje nós os grandes ficamos perplexos diante das predileções das crianças.

Nós que nos contentavamos com uns cubos de madeira, para fazer construções, vemos os pequenos sorrir desdenhosamente diante dessas coisas e exigir um «mecano» para fazer aviões, gruas, camionetes, com uma perfeição que nos faz supor, que essas crianças não terão muito que estudar para serem uns consumados engenheiros, capazes de fazerem as mais admiráveis obras. As pequenas máquinas fotográficas já as não contentam, tem de ser uma máquina de filmar. E serão mais felizes estas crianças com estas exigências do que nós eramos, com as bonecas de «biscuit» com enormes olhos parados, com carrinhos de lata puchados a cavalos coxos?

Não são mais felizes nem menos, a infância ha de ser sempre no fundo igual, o meu cãosinho de pelo, será para uma criança de hoje, um pequeno automóvel que se possa guiar de dentro, e se não o obtiver será um sonho, que lhe fará palpitar o coração diante dum avião, que será o meio de transporte mais usado, quando essa criança fôr grande e tiver a minha idade.

A infância é sempre a mesma e é bem natural que uma época de inventos e de inovações a criança aspire a brinquedos que se coadunem com tudo o que as rodeia.

Há só um brinquedo que perdurará sempre, que é a boneca. A pequenina de hoje tem naturalmente como a de todos os tempos, a paixão da boneca, que nasce com ela, com êsse instinto da maternidade, tão interessante e tão natural na criança que será mulher e que será mãi!

A minha opinião é que as mãis devem até desenvolver nas suas filhas essa predilecção pela boneca, que a fará ter sempre o interesse, pela criança mais pequenina, e mais tarde pelos filhos. Acabemos com esse tipo de mulher que nos trouxe o «aprés guerre», que se não interessava pela criança.

Mas como o brinquedo é o encanto de tôdas as crianças ricas e pobres, habituemos aqueles que vêem tôdas as suas fantasias satisfeitas a dar aos pobresinhos, às pobres criancinhas, que nem só de pão precisam, mas também dum pouco de ideal, dêsse ideal, que a fantasia dá a pobres e a ricos, os bonecos que já não querem, que já os cansaram. E êsse boneco desprezado posto de lado vai acender uma centelha de alegria no olhar triste duma criança infeliz. E nada há de mais injusto do que uma criança infeliz. Tenho a certeza que as crianças que dão os seus brinquedos velhos, sentirão uma grande alegria ao ver a satisfação dos que as recebem.

O brinquedo é sempre encantador porque representa a alegria da criança, a melhor e a mais sã das alegrias, aquela que tem no cristalino do seu riso um pouco de alegria celestial dos anjos.

E essa circunstância deve bastar para que o olhemos com carinho e lhe dediquemos um pouco da nossa atenção.

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

NA história de Inglaterra houve sempre mulheres, que chamaram a atenção do Mundo, umas pelas suas excelsas qualidades femininas, outras pela sua crueldade, e, ainda muitas pela sua beleza e elegância.

No trono de Inglaterra sentaram-se muitas rainhas e algumas governaram o país, com mão férrea e vontade indomável. Maria, rainha de sangrenta memória e Isabel a sua irmã são mulheres dum alto valor e o seu carácter, a sua feição moral, às vezes tão antipática e até repugnante, são naturais na época em que elas viveram, época em que a moral e a sensibilidade eram bem diferentes das de hoje.

Os seus defeitos, as suas crueldades foram talvez um produto do tempo e da educação. Duas das suas vítimas Lady Jane Grey e Maria Stuart mulheres de encanto e de sedução feminina, cheias de boas qualidades, as que se atribuem a tôdas as vítimas, o que teriam sido se chegassem a reinar?

A rainha Vitória deixou na história do seu país um rasto luminoso, que nos demonstra bem claramente o que vale o bom senso de quem governa, e, que não é preciso ser homem para possuir essa boa qualidade, uma das mais importantes e que acompanhando uma inteligência vulgar, pode fazer muito mais do que o maior talento desiquelibrado.

O nome da rainha Vitória será sempre um dos mais respeitados da história inglesa.

Como astro de belesa tiveram os ingleses, a rainha Alexandra, essa filha da Dinamarca, das brancas peles e das mulheres elegantíssimas.

A sua distinção e a sua graça fizeram dessa rainha uma das mais interessantes figuras de mulher da sua época.

Mas apesar de tôdas estas rainhas de Inglaterra, que marcaram tanto na história do seu país, a rainha Mary, viuva de Jorge V e mãi do actual rei, é uma das que pelas suas nobres qualidades mais deve interessar a mulher de hoje.

Pelo seu exemplo, pela sua vida esta princesa e esta rainha merece o mais completo respeito dos seus contemporâneos e dos vindouros.

A sua figura é o símbolo do dever. Noiva do duque de Clarence, irmão mais velho de Jorge V sofreu o grande desgôsto de ver morrer o seu noivo, mas as razões de Estado entendiam que ela devia ser a rainha de Inglaterra e nunca essas razões escolheram princesa, mais digna de presidir a um Império.

Curvando-se ao dever e ao bem do seu país a princesa casou com o que então era príncipe de Gales e o seu coração de mulher digna, de mulher que sabe dedicar-se, afeiçoou-se ao seu marido e êsse casal unido pela razão de Estado, deu ao seu país e ao mundo o mais lindo exemplo de vida conjugal.

No tempo da côrte, um pouco frívola, de Eduardo VII, os príncipes de Gales deram com a sua vida regrada, correta, inteligente, uma lição, à sociedade daquela época e ao mundo inteiro.

Espôsa dedicada dum homem de espírito sério a rainha Mary integrou-se no seu sentir e dedicou a sua vida a obras sérias e interessantes.

Como mãi, a rainha deu ao seu povo a satisfação de ter, uma exemplar mãi no seu trono.

De inteligência muito culta a rainha Mary escreveu alguns livros muito interessantes, que raros conhecem e que a classificam entre as senhoras de real valor.

Até ao fim acompanhou o seu marido e o seu rei, com uma dedicação de todos os minutos, e como rainha viuva ela saberá aconselhar seu filho, e manter o seu lugar de primeira senhora do seu reinado, até que o actual rei escolha a que deverá suceder-lhe no trono.

E não admira que o rei seja dificil na escolha, porque a figura moral de sua mãi deve impor-se-lhe de tal maneira, que a princesa que lhe suceda tem de ser um conjunto de perfeições.

E tem uma grande influência num país e num reino, a rainha que acompanha aquele que tem o dever de reinar. Depende e muito da rainha a feição moral duma côrte.

A rainha Mary nos seus 25 anos de reinado soube acompanhar o Rei e o povo nas horas boas e nas horas más.

Maria de Eça.

A moda

COMEÇA já a delinear-se a moda da primavera, ela vem ainda longe mas começa já a despontar nas mulheres o desejo de variar, de abandonar os pesados abafos, que as engrossam e as tornam menos esbeltas.

As peles que as hão-de defender das agrestes brisas primaveris, que depois dêste inverno de terrivel humidade não deixarão de aparecer, são já ligeiros abafos, que nada têem que ver, com as grandes peliças, que no inverno defendem as delicadas elegantes.

Os vestidos mais ligeiros fazem nos já lembrar de que Março é o mês em que a primavera começa e esperemos que o nosso lindo sol, que êste inverno tanto se escondeu, a doire com os seus benéficos raios e permita que as elegantes arvorem as suas novas «toilettes» e os seus ligeiros abafos, que são mais uma ocasião de se exibirem, do que uma verdadeira necessidade.

Para as saídas de manhã nada de mais prático do que êste vestido «tailleur» da mais clássica simplicidade e a que duas lindas raposas «argentées», dão o ar do mais perfeito conforto, que pela manhã no higiénico passeio a pé não é nada para desdenhar.

Um gracioso chapeu de palha desta palha moderna e baça, dá-lhe a nota primaveril.

Como «toilette» simples, nada mais gracioso e gentil do que o simples vestido em lã que apenas tem como guarnição um grosso cordão em seda, que forma alamares. Este ano os alamares estão muito na moda.

Estes alamares são seguros por uns graciosos fechos em metal. O cinto é formado pelo mesmo grosso cordão, assim como a guarnição das mangas. E' um vestido juvenil e do melhor efeito, muito prático, póde ser usado debaixo dum casaco, por casa, e, na rua, com um gracioso chapeu e umas raposas ou uma pequena capa, fará uma elegantíssima e engraçada «toilette».

Para a tarde para a saída dos chás elegantes, nada melhor, do que o gracioso mantelete em «visou», de que damos o modêlo. E' interessante ver como as modas giram, giram e voltam de novo ao mesmo ponto de partida. Quem nos diria, que ainda haviamos de admirar e usar manteletes?

Sôbre um vestido de veludo preto inglês, é do maior «chic». Completa a «toilette» um gracioso chapelinho em «laige» enfeitado com uma atrevida pena, regressamos também aos enfeites nos chapeus.

O casaco ao lado um lindíssimo veludo frapé é do melhor gôsto e elegância, mas considerado em Paris um casaco de primavera é talvez, para o nosso paiz um pouco pesado. No entanto a sua elegância é inegável e usado sem a gola movel em raposa, que o figurino apresenta, torna-se mais leve e prático para o nosso paiz.

Como vestido de noite temos uma das últimas novidades um vestido em «crêpe cloqué» da maior simplicidade.

A novidade está na guarnição em arminho branco, que rodeia o decote descaindo sôbre os ombros, e, que forma uma laçada, adornada com as pequenas caudas dessa pele, e, também nas mangas.

Para a noite usam-se agora as mangas compridas até ao pulso, é para notar como vem sempre em tudo a reação: depois de se usar os braços nús até ao ombro, dia e noite, hoje mesmo nos vestidos de noite de grande «toilette» vêem-se as mangas compridas.

Como a moda varia! Mas esta é mais senhoril e distinta.

Higiene e beleza

O perfume é uma das coisas, que mais se deve harmonizar com a beleza da mulher. Mas não só com a beleza tem de se harmonizar o perfume, mas também com o ambiente. A mulher elegante não póde usar no campo o mesmo perfume que usa nos salões da cidade. O perfume da cidade deve ser uma mistura de perfumes, que o torne tão único, que ao longe se possa reconhecer uma mulher pelo perfume que evola, e, que no ambiente que a rodeia se encontre sempre a mesma atmosfera.

Mas quando êsse perfume é sintético não se harmonisa com o ar do campo ou os eflúvios marítimos. Então torna-se necessário um perfume natural, um perfume de flores, e nada há melhor para se harmonisar com a atmosfera campestre do que um simples perfume, como rosa branca, ou alfazema de Yardley, êsse perfume tão simples, que não chega a ser uma mudança no ambiente e que se harmoniza com o campo, com o mar e com o ar rude da montanha.

O feminismo no Oriente

NA China a mulher de pele côr de marfim e olhos obliquos experimenta libertar-se das velhas tradições que sôbre ela pesam tão duramente.

A viuva de Sun-Yat-Sen, o criador do movimento nacionalista chinês, inaugurou um instituto político para as mulheres. No seu discurso declarou ela, que as mulheres chinezas deviam receber ensino político, afim de poderem participar na revolução nacional, que segundo ela deverá assegurar a liberdade do país e permitirá a emancipação da mulher.

Êste discurso visava a dar coragem à mulher para entrar na luta pelos seus direitos, que na China tão espesinhados tem sido.

As mulheres orientais estão norteando o caminho, que devem trilhar e tratam assim de adquirir os privilegios a que têm direito e as hão-de igualar ás mulheres de todo o mundo.

Nesta época de civilização mundial, de tão faceis comunicações, não é fácil conservar a negra escravidão, que até há pouco subjugava e torturava a mulher chinesa.

A mulher e a equitação

APESAR do logar proéminente do automóvel na vida moderna, as mulheres elegantes e desportivas não abandonaram a equitação, que é um dos mais higiénicos desportos, e, que será sempre um dos que mais marcará como desporto elegante.

Entre nós algumas senhoras se dedicam a êste desporto, mas talvez sem o entusiasmo que já houve por ele há alguns anos. No estrangeiro a equitação é sempre preferida pelas mulheres elegantes.

Em Inglaterra e na França são numerosas as amazonas, que se distinguem; entre elas ocupa um dos primeiros logares M.me Frey, umas das mais distintas amazonas de Paris, muito conhecida na Avenue des Acacias, onde passeia de manhã a sua elegância.

Antes de saír visita os seus «pur sang» que nos seus «hoyes» parece pedirem à sua dona, para serem o preferido nessa manhã. Madame de Frey duma distinção severa não suporta as fantasias que se estão adoptando na «toilette» de montar a cavalo.

Acha que os feltros e as boinas podem ser usadas com um vestido de passeio, os «sweaters» adaptados a outros desportos, mas nunca usados por uma amazona que se preze. Para M.me de Frey o mais elegante dos desportos é a equitação e, como tal, exige a maior correção no vestuario, que não deve afastar-se das antigos moldes.

«Modernisemos essa «toilette» desportiva, mas não a modifiquemos» — é a frase habitual da elegantissima Madame Frey, e têm a requintada parisiense muita razão.

Nada mais distinto e elegante do que uma amazona bem montada, e, vestida com a severa elegância duma «toilette» irrepreensivelmente cortada.

Será sempre um dos desportos preferidos pela mulher, porque quando bem montada, a amazona valorisa a sua força e a sua distinção e bem o prova Madame Frey que não monta o «califourchon» e que enche de belêsa e elegância a Avenue des Acacias quando galopa de manhã num dos seus magnificos cavalos, vestindo com a mais severa correção o trajo de amazona.

Receitas práticas

Galantina de trutas à norueguesa: — Desovam-se as trutas abrindo-lhes o ventre. Deitam se numa tijela alguns pedaços de pescada sem peles, nem espinhas, sal, pimenta, nóz moscada, 50 gramas de manteiga, uma pitada de pimenta de «cayenne» que se amassa para misturar bem na pescada, faz-se um recheio grosseiro; junta-se-lhe um ovo e um pouco de leite, as trutas picadas, guarnecem-se e apertam-se com um guardanapo, cosem-se em leite temperado com sal; deixam-se arrefecer um pouco, comprimem-se para lhes dar a sua fórma; tira-se-lhes o guardanapo e a pele, colocam-se na geleira. Depois servem-se com arroz e salada russa. Pódem servir-se também com môlho de «mayonaise» ou môlhe de tomate.

Bolinhos de botina: — Desfaz se bem a bolina, depois de cosida e junta-se-lhe a terça-parte em volume de gêmas de ovos batidos, com farinha e açucar, mas não muito engrossadas. Deita-se na frigideira com azeite a ferver uma colher de massa e fazem-se os bolinhos. Depois de fritos polvilham-se com canela e açucar.

De mulher para mulher

Uma elegante: — Não minha senhora, o codigo da elegância não exige de maneira nenhuma, que uma elegante use na Quaresma vestido preto. Só na Semana Santa, há êsse uso, mas se V. Ex.cia quere fazer um vestido preto, faz muito bem, porque uma mulher vestida de preto fica sempre elegante.

Rosa branca: — Já se não usam êsses enxovais exagerados, e, diga-me, para que serve a sua mãe ter essas malas cheias de roupa, fóra da moda. Faça meia duzia de «parures», em sêda, muito bôas e bonitas rendas. Certamente que a sua roupa agora, tambem é bonita e cuidada, aproveite a que está em bom uso. A moda varia continuamente. O «tailleur» é o mais prático para a viagem.

Odette: — Para a sua filha aconselho os livros de Maryan e Delly, são muito interessantes e muito próprios para uma menina dessa idade. Os livros de Marlitz tambem são muito bons e há bôas traduções em francez, visto que é nessa língua que a deseja fazer lêr. Na Livraria Bertrand, encontram-se êsses livros.

Poetisa e crítica

ENTRE as poetisas francesas, brilha um nome, que não é muito conhecido entre nós, mas que em França é muito apreciado.

Madame Marie Therése Gadala é uma das mais interessantes poetisas modernas, mas é também uma prosadora ilustre. Na crítica os seus livros são excelentes Um deles «Tel que je les vois» obteve o Grand Prix pró Arte, de Marselha.

As suas qualidades de crítica duma visão clara e nítida revelam-se em todas as páginas desse livro, em que o seu fulgurante talento iguala a sua gentileza de espírito.

Como poetisa tem publicado vários livros todos do maior interesse. Entre eles «La symphonie eternelle» e um livro de poemas «L'anneau de Crisal», para o qual Elena Vacaresco a grande poetisa romena, protegida e amiga de Carmen Sylva a rainha escritora, fez um lindo prefácio no qual diz: «O anel aqui simbolisa o noivado do sentimento e da música apoiados um ao outro». E nada poderá definir melhor o talento harmonioso de Marie Therése Gadala, claro, fino e duma suave expressão.

Pensamentos

Peixe pequeno torna-se grande, se Deus lhe der vida.

O pudor é o mais belo ornamento da mulher.

A juventude passa depressa e sempre com a preocupação de que já se é velho; mau sinal é quando se começa a dizer que se é novo.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 44

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

ZÉ NABO
N.º 9

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

DAMA NEGRA
N.º 10

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 11, Maria Luíza

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 15 pontos:
Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Kábula, Magnate.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 13. — Salustiano, 12. — Rei-Luso, 12. — Só-Na-Fer, 12. — Só Lemos, 12. — Sonhador, 11. — João Tavares Pereira, 11. — Lamas & Silva, 9. — Salustiano, 9.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 7. — Lisbon Syl, 7. — Aldeão, 7

DECIFRAÇÕES

1 — Bôrras-rasca-borrasca. 2 — Ato-talho-atalho. 3 — Bode-degas-bodegas 4 — Malhadouro. 5 — Itomaca. 6 — Século-sêlo. 7 — Auriga-auga. 8 — Agarico. 9 — *Ananicado.* 10 — *Motivo-movo.* 11 — Graúdo grado. 12 — Denodo-dedo. 13 — Fuxico-fuco. 14 — Mandato-manto. 15 — Homem sem abrigo, pássaro sem ninho.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Essa *ordem* é de um homem *notável* e *sensato.* (2-2) 3.
Lisboa — *D. Dina*

2) Oh, *mulher formosa,* que me obrigas a *andar sem destino* e a *vaguear!* (2-2) 3.
Lisboa — *Kossor*

3) Na *margem* de um rio, aspirando bom *ar,* descobri um *conchego.* (2-2) 3.
Lisboa — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

4) *Próximo de* me *encher* de raiva abato quem me *vexar.* 2-3.
Lisboa — *Chim Pan Zé*

5) Com *sossêgo* e *ocasião* é que eu gosto da *pândega.* 2-2.
Lisboa — *D. Campeador*

6) Acho «*pouco*» o «*ordenado*» para moço de *taberna...* 1-4.
Lisboa — *Miss Diabo*

7) Ó *Sê* Zé!... É *parecido* com o meu, o seu *dedo anular.* 1-3.
Stop (Grupo dos Verdes)

8) É *medonho* o susto da «*mulher*» quando chove com *estrondo.* 2-2.
Luanda — *Ti-Beado*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 53

SINCOPADAS

9) Só faz uma boa *opereta* quem *cadencia* a música. 3-2.
Lisboa — *Lérias*

10) O homem *feroz* é um *completo* animal. 3-2.
Luanda — *Ti-Beado*

(Ao Ferjobatos, com um abraço)

11) Tens um *carácter leal* 3-2.
Lisboa — *Veiga*

12) *Bramido rude.* 3-2.
Lisboa — *Xis & Grego*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

(Ao meu amigo Leba)

13) Descobre que, depois, v'rás no final
Surgir uma *doença habitual.*
Leiria — *Magnate*

14) Com duas letras
Das invogais,
Muito *dinheiro*
Apresentais.
Luanda — *Ti-Beado*

LOGOGRIFO

....

«*Não se civiliza um povo a tiro e à bomba. Exterminar uma nação para que nela não haja escravos é eficaz mas parece-me radical demais.*»

Júlio Dantas («Primeiro de Janeiro»)

15) Mussolini, o *ditoso* italiano, — 5, 7, 3, 1.
Ministrou aos rapazes instrução.
— Foi mestre-escola se me não engano. —
Mas vamos à *essência* da questão... — 1, 4, 2, 7.

Na *folga* das lições aos seus alunos — 7, 3, 6, 7.
Foi lendo a história antiga, as incursões
Nos países da Europa pelos hunos,
Dando sôbre êsse *horror,* talvez, lições. — 7, 5, 4, 7.

Rodando, o tempo abriu caminho ao novos,
E o simples «bersaglieri», o professor,
Tornou-o a sorte um condutor de povos;
Fêz dêle a extrema audácia um ditador.

Diz, no *poder,* o ditador de Itália: — 5, 1, 5, 7.
«De que serve a Abissínia ao Rei dos Reis?
«Ligada à Eritreia e à Somália
«Que linda *jóia!*» E o resto já sabeis... — 5, 4, 2, 1.

A agressão brutal! E pouco importe
A ausência da Justiça e da Razão...
Prima, em regra, ao direito a lei do forte..
E' a guerra! O massacre! *Assolação!*
Lisboa — *Sileno*

MEFISTOFÉLICAS

16) Se fôr aos meus *arredores*
Há de se *satisfazer*
Com manjares, os melhores,
Que lá lhe hei de *fornecer.* (2-2) 3.
Lisboa — *Dr. Magrinho*

17) Em grande espaço reina o sol gentil,
Na selva *ruge* fera bem galante
E, mais ao longe, *homem sandeu* e vil
Dispõe do Mundo inteiro, a seu talante.

Com seu cachimbo vai, de lado a lado,
Buscando a prêsa meiga e descuidada;
E logo crava seu punhal raiado
E tudo mata, assim, à gargalhada.

E nada existe, nada lhe resiste;
O Mundo inteiro nem para êle chega!
E quem detém aquela marcha triste?...
Talvez alguma dama, alguma *pêga!?* (2-2) 3.
Lisboa — *Silva Lima (T. E.)*

18) Não se chegue à minha *beira*
Falta-me a *respiração.*
O senhor, dessa maneira,
Faz-me até *sufocação.* (2-2) 3.
Lisboa — *Vina*

NOVÍSSIMAS

19) Quando um dia chegar a minha vez
De quinhoar no bôlo da Ventura,
Verás, então, — vaidosa criatura! —
Manente em mim ainda a viüvez

Desta coisa tão vã: — a Altivez!
No *peito* meu, albergue da amargura, — 2
Franca pousada, enfim, da desventura...
E mansão predilecta do revés...

No peito meu — dizia — nunca teve
E nem terá cabida, embora breve,
«*O*» sentimento ignaro da vaidade! — 1

....

É linda e rica e só por tal razão
Presume e faz *mistério* da paixão
Que lhe talou a insensibilidade!...
Silva Pôrto-Bié — *Efonsa*

SINCOPADAS

20) Tive um *conflito* outro dia
Com o meu amigo Braz.
Quis mostrar a valentia,
Levou nas ventas *p'ra trás.* 3-2
Elvas — *Gigantezinho*

21) *Chapéu velho* o meu? — Deixá-lo!
Quem de «massas» anda falho,
Mesmo assim, para agüentá-lo
Luto *com grande trabalho.* 3-2.
Coimbra — *José Tavares*

22) Uma *caneca* de vinho
Da qualidade mais fina
Não vale um copo sequer
De água simples, *cristalina.* 3-2
Tramagal — *Padre Matos*

TRABALHOS DESENHADOS

ENIGMA FIGURADO

23)

Leiria — *Kábula*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz Ferreira Baptista, redacção da *Ilustração,* rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

A GUERRA À CRIANÇA

Por tôda a parte se combate pelo aumento da população.

Oferecem-se prémios ao casal que der maior número de rebentos, para desfazer o receio que as dificuldades de vida levam a todos os lares remediados.

Os pobres lá se convencem, e mesmo sem prémios dão constantemente filhos á pátria querida que os rapazes um dia hão de servir nas fileiras.

Os ricos, por comodidade, evitam a procriação, e a êsses, como não precisam, não há recompensas que os movam a desistir de armar altares á deusa esterilidade.

É uma guerra á criança, — platónica, é certo, porque é contra o inexistente — esta de privar uma casa do bater de asas dêsses anjinhos de graça e de encanto.

A não ser por incapacidade orgânica, todos os casais que passam pelo registo civil deviam ser obrigados a apresentar uma determinada prole, dando-se ajudas de custo aos mais necessitados e facilitando a entrada das crianças nas escolas do Estado.

Já não se póde fazer o mesmo com os pares ligados livremente, porque dêsses seria melhor que nenhuma cria viesse a aparecer, visto que os pais, em tal condição, freqüentemente abandonam os filhos, deixando a mãi a debater-se com a miséria, á cata duma côdea para si e os miudos, órfãos de pai, com o pai vivo ainda — amargo paradoxo, e cruel problema que continua insolúvel. Ou poderia aplicar-se a mesma sanção, se os filhos abandonados fôssem recolhidos nos orfanatos, como os legítimos órfãos.

Seria uma medida caridosa e justa, uns homens corrigirem a falta de outros homens.

Há ainda a guerra feita por preconceitos que levam as mãis solteiras a desembaraçar-se dos filhos, para esconder a sua falta.

E esta, se bem que a mais criminosa perante a lei, ainda admite a piedade das nossas consciências, calculando o desespero de uma pobre rapariga que vê o seu futuro destruído por um seductor sem escrúpulos.

■

Se antes de nascida ou apenas nascida, já a criança tem quem a combata, depois de andar por êste mundo parece que um ódio tôrvo a persegue, como se ela fôsse a maior calamidade a afligir um país.

Uma mulher, com um filho nos braços, passa tormentos, para conseguir trabalho.

Ninguém a quer em casa. A creaturinha chora, enerva as patrôas, a mãi tem que perder tempo a amamentá-la, e por uns minutos perdidos na mais santa das ocupações lá vai a mulher para a rua, porque não convém, porque quem paga quer o serviço feito e porque é massador, uma serviçal, mesmo a dias, com um filho a reboque.

Essas senhoras tiveram filhos, sabem o que é êsse amor que leva a todos os sacrifícios — creio que algumas o saibam — mas os garôtos cresceram, os maus bocados passaram e já está tudo esquecido. Para as suas pobres irmãs na dôr de parto e nessa dôr maior ainda do criar, com mil sustos e cuidados por aquela vidinha tão frágil e tão preciosa, elas não têm a menor compaixão.

Porque o miudinho chora, porque molha os encerados, porque desvia a mãi, por vezes, do panno do pó ou da escôva dos esfregados, dispensam os seus serviços impiedosamente, e a mártir de um amor que devia ser glória lá vai continuando a subir o seu calvário, de porta em porta desdenhada, porque traz consigo o fructo de uma hora de fraqueza ou da sua infelicidade de esposa pobrezinha, a querer auxiliar um lar onde outras boquitas esperam a magra pitança do seu esfôrço conjugado com o trabalho do marido, que moureja por outras paragens.

■

É negro o quadro, mas há mais ainda.

Um escrito numa janela aponta um quarto vasio.

Em busca dum abrigo onde aninhar os seus filhitos, sóbe a escada o pai pressuroso.

O quarto, escasso, sombrío e sem janela, puxado no preço, ainda assim convinha. Quem é pobre não têm exigências, contanto que haja onde estender uma enxerga e alinhar duas panelas, para o rancho.

Mas êsse quarto, exíguo nas dimensões e grande na renda, torna-se um paraíso inabordável, uma fortaleza que nem lágrimas nem a descrição de uma penosa vida conseguem render.

A dona da casa não quere lá crianças, fazem barulho e estragam tudo.

E por aí segue a caravana da desgraça, os pais lastimando a sua sorte por terem filhos, batendo aqui, sondando acolá, a ver quem os quere recolher, implorando, como caridade, um abrigo que pagam com juros de agiota cortando no pão que comem.

■

Se a população é precisa, faça-se tudo por ela.

Mas proteja-se a criança contra estas espéculações negativas.

Quem aluga quartos não deve ter o direito de recusar alojamento a casal com filhos.

Uma casa de negócio não regeita fregueses, sob qualquer pretexto, salvo se perigar a ordem ou a moralidade do logar.

Ter filhos não é imoralidade nem desordem, visto que é até uma obrigação cívica, além do preceito divino.

Assim, estão a tornar em maldição o que devia ser benção.

■

Realmente, com a criança desta fórma guerreada e desprotegida, que entusiasmo póde haver em dar cidadãos ao seu país, para depois de uma existência cheia de miséria e de obstáculos ver caír seu filho na lama duma trincheira, sem saber se poderá erguer-se ainda?

Todos alardeiam de patriotismo, mas não querem compreender que essa criança que hoje escorraçam é o soldado de amanhã.

E é êste afinal o maior, o imperdoável pecado da nossa época egoista.

Mercedes Blasco.

A QUINZENA DESPORTIVA

Um admirável salto em esqui

DURANTE quinze dias, de 2 a 17 de Fevereiro, tôdas as atenções dos desportistas do mundo inteiro se fixaram nas peripécias dos Jogos da IV Olimpíada Branca, disputados como ninguém ignora, na estância de inverno bávara de Garmisch-Partenkirchen.

Terminada a competição, a análise geral não poderia ser mais lisonjeira; organização, resultados, afluência, em todos os capítulos o êxito atingiu foros de "rècord".

Sobretudo "rècord" de organização, na qual a Alemanha colhe todos os louros, conquistando na opinião universal um prestígio considerável.

Os Jogos de Inverno constituíram a maior manifestação internacional até hoje organizada na Alemanha Hitleriana, por uma nação que soube assumir a consciência das suas responsabilidades, um povo que encontrou no momento oportuno uma fé nova a guiar os seus destinos. O Reich mostrou aos delegados das vinte e sete nações reünidas em Garmisch, o conceito que a tôdas devia merecer para futuro.

Não foi apenas pelo simples e delicado prazer de assistir às diversas provas, que o chanceler Hitler veiu freqüentes vezes de Berlim, acompanhado pelos mais eminentes membros do seu govêrno. A sua presença traduzia a grande importância que os assuntos desportivos ocupam nos negócios de Estado germânicos.

O desporto constitui na Alemanha a própria base do ensino físico e moral da raça; por isso progride e conquista triunfos prestigiantes para o país.

Noutros países é levianamente encarado pelos dirigentes surdos à voz tumultuosa que se ergue dos estádios, ignorado, censurado, desprezado e troçado, por aqueles cujo dever era acarinhá-lo e dar-lhe condições de vida folgada. Por isso vegeta na mediocridade e nada vale como elemento de propaganda nacional.

■

O programa olímpico dos desportos de inverno compreendia um torneio de hockey em gêlo, três provas de patinagem artística, quatro corridas em patins, duas em "bobsleigh" e sete provas em esqui.

A nação que, numa hipotética classificação geral, melhor lugar obteria, foi a Noruega: 7 primeiros lugares e 5 segundos. Seguem-se-lhe a Alemanha e a Suécia.

O campeonato de hockey deu motivo a uma autêntica surpreza, a derrota do grupo do Canadá, vencedor em todos os anteriores Jogos e campeão do mundo desde sempre. Inesperadamente batido pela Inglaterra nas "poules" meias-finais, transitou para o final com o pêso dessa derrota que um regulamento estranho impunha como definitivo. E apesar das provas de superioridade que demonstraram até final do torneio, os canadianos viram-se relegados para o segundo posto, precedidos pela Inglaterra que alcança o título de campeão sem haver conseguido bater nem a Alemanha nem os Estados-Unidos.

O facciosismo do público alemão durante a prova originou severos comentários nos meios internacionais. Durante o encontro de hockey no qual os canadianos deram aos alemãis uma lição magistral, foi o estádio olímpico cenário de desagradáveis incidentes.

Furiosos por verem os seus compatriotas derrotados, os espectadores alemãis entregaram-se a manifestações absolutamente despropositadas. Os canadianos foram assobiados nas ocasiões em que realizavam prodígios de técnica, e não há memória de semelhante incompreensão por parte dum público. O caso originou grande indignação nos estrangeiros que se encontravam presentes, os quais sentiram quanto é perigosa semelhante interpretação nacionalista do desporto.

Os vencedores das provas de patinagem artística foram aquêles que tôda a gente esperava: a norueguesa Sonia Henie, pela quarta vez coroada campeã olímpica, o austríaco Karl Schaeffer e o par alemão Maxie Herber-Ernst Baier.

Os concorrentes foram muito numerosos e entre as revelações mais surpreendentes apontam os técnicos uma japonesita de dez anos, na qual alguns supõem prevêr uma sucessora da "fada Sónia".

As corridas em patins constituiram um extraordinário triunfo para o norueguês Ivar Ballangrud, vencedor nos 500, 5.000 e 10.000 metros, segundo classificado nos 1.500 metros em que um compatriota, Mathisen, realizou melhor tempo.

Ballangrud é já um velho patinador, tomando esta designação no sentido da veterania de prática, pois já em 1926, há dez anos, alcançara diversas vitórias nos campeonatos do mundo.

As duas descidas em "bobsleigh", numa pista cujo traçado mostrou a única imperfeição dos organizadores, foram férteis em incidentes e vários concorrentes alcançarem como meta o hospital, felizmente sem graves conseqüências. Os suíssos alcançaram os dois primeiros lugares na prova de quatro tripulantes e o segundo lugar na prova de dois tripulantes, cujo vencedor foi um carro americano.

O programa do esqui foi a maior atração dos jogos e a secção onde o valor desportivo dos competidores melhor se destacou.

As provas combinadas de descida e obstáculos, para homens e senhoras, foram ambas ganhas por alemãis, Franz Pfnür e Christel Cranz; a corrida de estafetas foi vencida pela Finlândia que bateu a Noruega por trinta metros, após um duelo épico; no combinado de saltos e corrida classificou-se em primeiro lugar um norueguês, Hagen, que na corrida simples de 18 quilómetros obtivera o segundo lugar, precedido pelo sueco Larsson.

O concurso de saltos em esqui, a prova mais espectaculosa e atraente, deu a palma a Birger Rund, outro norueguês, cujo mais sério rival foi outro sueco, Sven Eriksson.

Finalmente na corrida de 50 quilómetros, verdadeira maratona sôbre a neve, a equipa sueca alcançou um formidável triunfo: quatro participantes nos quatro primeiros lugares, sendo Elis Viklund o melhor.

O conjunto das classificações prova a nítida superioridade dos atletas escandinavos, vencedores de tôdas as corridas em esqui e patins, deixando apenas fugir os combinados descida e obstáculos, cujo significado é mais de audácia acrobática do que valor desportivo puro.

■

A multidão de forasteiros que durante a semana dos jogos afluiu a Garmisch foi avaliada num milhão de pessoas. Segundo os comunicados oficiais o número de bilhetes vendidos nos diversos estádios excedeu 800.000 e no dia do encerramento cêrca de 140.000 espectadores ocupavam as tribunas do recinto onde se realizou a prova de saltos em esqui.

Para albergar e satisfazer as necessidades de tôda esta gente numa povoação que normalmente comporta 5.000 habitantes, não se pouparam os organizadores a esforços, instalando sobretudo restaurantes e cervejarias onde todos os apetites encontravam satisfação, e adaptando a hospedarias tôdas as casas disponiveis.

■

O acontecimento de maior relevo no campo nacional foi o encontro final do campeonato de Lisboa de futebol, para desempate entre os dois mais gloriosos clubs da cidade, o Benfica e o Sporting.

Era êste o 105.º encontro oficial entre os dois velhos rivais, em vinte e nove anos de constante actividade desportiva, numa competição tão renhida que os adversários chegam ao cabo de longa carreira em quási perfeita igualdade: o Benfica foi três vezes campeão de Portugal e o Sporting duas, mas, em compensação o club dos "leões" conquistou o seu décimo torneio regional, que os "águias" alcançaram uma vez menos.

Em 105 jogos, registam-se 46 vitórias sportinguistas, 39 benfiquistas e 21 empates, 171 bolas a favor dos primeiros contra 163 marcadas pelos segundos.

O grupo do Sporting obteve um merecido triunfo, por 4 bolas a 1; tão justo que até aquêles cronistas cuja paixão clubista costuma deturpar resultados e sofismar situações para fazer do vencido vencedor, o reconheceram sem relutância.

■

A segunda partida internacional da "época futebalística", disputada na última quinta-feira de Fevereiro contra a selecção alemã, resultou num pesado desaire para o nosso grupo e numa amarga desilução para o público apaixonado.

Entendamo-nos quanto ao significado destas afirmações; não é o resultado final de 3-1 a favor dos estrangeiros que mais pesa no nosso critério de apreciação, mas sim a diferença de classe individual e de técnica de conjunto manifestado entre as duas equipas adversárias. O resultado poderia até sem contrariar a corrente de jogo, ter sido muito mais lisonjeiro para o grupo português que teve ocasiões dos chamados de "goal" feito perdidos ingloriamente e manteve durante largos períodos um insistente dominio territorial; ainda que assim fôsse, continuaríamos a considerar o encontro com a seleção alemã como um fracasso para o futebol português.

Os jogadores germânicos apresentaram um sistema de jogo perfeitamente definido, diverso das normas que estamos habituados a encontrar nos grupos representativos vindos a Portugal. A sua equipa é uma máquina perfeitíssima cujas peças são fabricadas do melhor aço e cuja mecânica trabalha numa regularidade impecável.

Frente a êste conjunto organisado, no qual cada elemento tinha para tôdas as eventualidades a noção exacta do papel a desempenhar e do posto a ocupar, o onze português poderia apenas ter brilhado pelo seu entusiasmo tradicional, pela rapidez e inspiração das jogadas que são a característica dominante da nossa forma de agir. As virtudes do povo não falharam no campo, mas a par de tão grandes deficiências que não conseguiram impôr-se à situação.

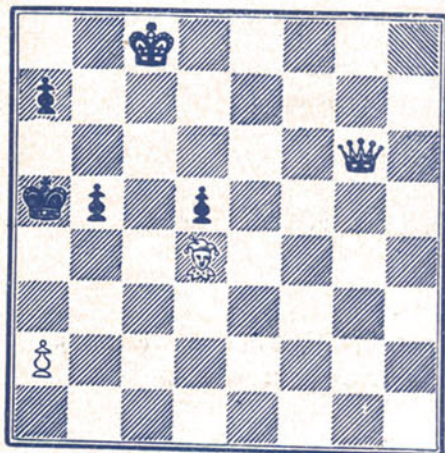
Os jogadores portugueses eram atleticamente inferiores, de técnica muito mais rudimentar, falhos de disciplina orientadora, embora generosos em energia, em coragem, em vontade. Uma vitória sôbre os alemães teria sido um milagre destas três virtudes; mas o milagre não se fez.

Salazar Carreira

A pista de Garmisch-Partenkirchen, onde se disputaram as Olimpíadas

Xadrez

(Problema por J. Kotre)

Brancas 4 — Pretas 4

Jogam as brancas e dão mate em três lances.

Bridge

(Problema)

Espadas — A. D. V. 5
Copas — A. D. 10, 3.
Ouros — R. D. V.
Paus — — — —.

Espadas — R., 10, 9, 8. **N** Espadas — 6, 4, 3.
Copas — R. V., 9 **O E** Copas — 8, 6, 4.
Ouros — — — — Ouros — 6, 4, 3.
Paus — 10, 8, 6, 3. **S** Paus — 7, 4.

Espadas — 7, 2.
Copas — 7, 5.
Ouros — 10, 9, 8.
Paus — R. D. V. 5.

Sem trunfo. *S* joga e faz as vasas todas.

(Solução do número anterior)

S joga o Az de espadas e depois o Valete de espadas.

Duas hipóteses há: ou *O* entra da Dama de espadas ou cede a vasa. Suponhamos que cede, jogando o 6 de espadas, *N* balda-se a 4 de paus. *S* joga o 7 de espadas, *O* joga Dama de espadas, *N* corta de 9 de copas e joga o 10 de ouros.

S joga a dama de ouros e depois o Rei de copas, obrigando *E* a baldar-se ao 9 de ouros que é firme ou a perder a defesa em paus.

Se á segunda vasa, *O* entra da Dama de espadas, *N* corta com o 9 de copas e joga o 10 de ouros, fazendo *S* a Dama de ouros e jogando, em seguida, o Rei de copas, obrigando *E* a baldar-se à carta firme de ouros ou de espadas ou à defesa em paus.

Se se balda a ouros ou espadas, *S* joga 5 de ouros ou 7 de espadas e *E* vê-se novamente obrigado a baldar-se, não podendo fazer vasa.

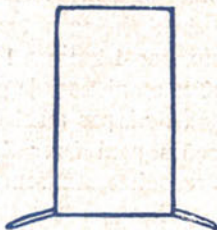
A palavra disfarçada

(Solução)

Universidade.

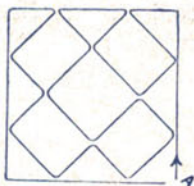
Vida boa e barata

Dizem alguns viajantes que a Jugoeslávia seria verdadeiramente o país ideal sob o ponto de vista da economia. Ali, quem possua um rendimento de 3.000 esc. por mês, pode muito bem ter dois criados e automóvel. Um palacete com garage e diversas dependências, parque e terraço sôbre o mar, aluga-se por uns 400 esc. por mês!

Ilusão óptica

Isto, que aqui se vê, vem a ser um chapéu alto — dos que se usavam há oitenta anos — e tão alto que parece o cano dum fogão, mas apesar disso, se o forem medir desde o ponto que fica junto à aba, verão que a sua altura é exactamente igual à largura daquela.

Parece mais alto porque é sempre maior esfôrço seguir uma linha vertical, do que dirigir a vista dum lado para o outro.

Desenho a traço contínuo

(Solução)

Estão os cantos cortados para melhor se compreender.

Parentesco protocolar

A imprensa italiana publicava, recentemente, uma comovedora carta da rainha de Itália a Mussolini, na qual a soberana dava a conhecer que tomava parte nos sacrifícios nacionais, oferecendo a sua aliança de ouro para o fundo de resistência às sanções.

Na carta assinava-se: «Sua afeiçoada prima». Ora isto surpreendeu muita gente, sabendo-se que não existe nenhum laço de parentesco entre a rainha e o chefe do govêrno fascista. Há, todavia, entre êles, um parentesco protocolar.

Mussolini é, com efeito, membro da «Anunciata» a mais alta ordem italiana, que remonta a 1362, e que a torna, como tal, «primo» da soberana.

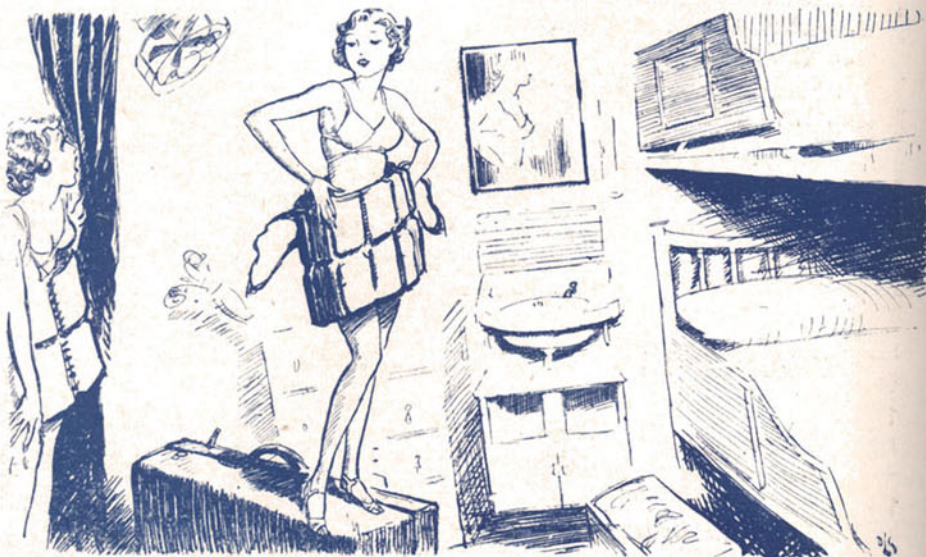
Além da família real só se contam, em Itália onze membros da ordem da «Anunciata».

Documento interessante

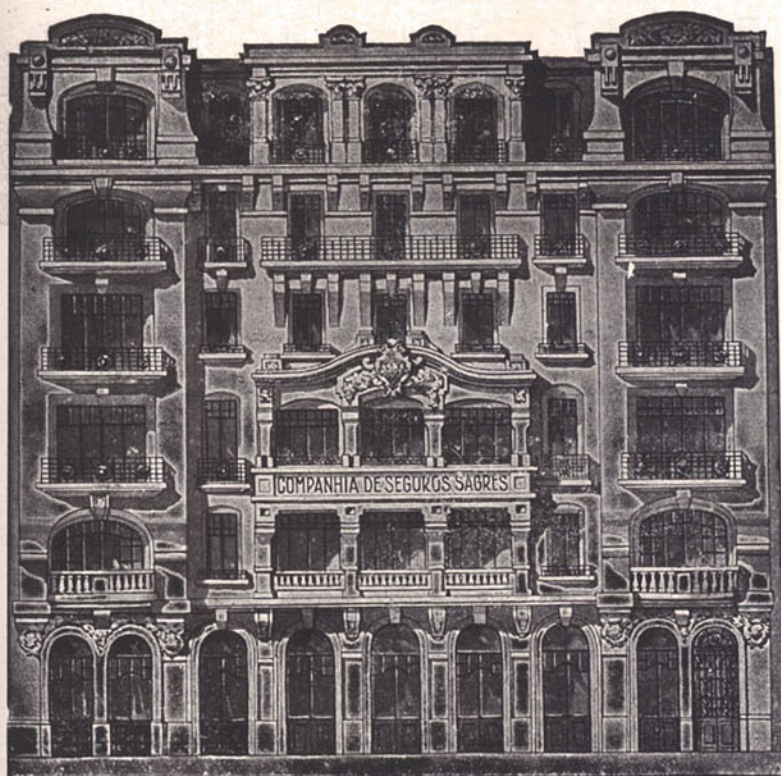
A exposição Francisco José, tem obtido grande sucesso em Viena e veiu por ultimo enriquecê-la um curioso documento: as últimas palavras escritas pelo imperador Francisco José, antes da sua morte. A fôlha de papel que as contém iria servir de rascunho para um telegrama. Com mão incerta, o velho soberano traçara estas palavras: «O Imperador da Austria a Sua Alteza Imperial e Real a princesa Gisela, em Munich».

Um incómodo repentino não permitiu que o imperador continuasse. Aquelas linhas foram escritas em 21 de Novembro de 1916, às cinco horas da tarde. A pena caiu-lhe da mão e foi levado para cima do leito onde faleceu daí a quatro horas.

A princesa Gisela era a filha mais velha do monarca. Casara com o principe Leopoldo da Baviera, que teve o posto de comandante de exercito durante a guerra.

Celebrou-se há pouco tempo em Viena de Áustria, o 130.º aniversário do «nascimento» das salsichas de Viena, manjar famoso, que são uma variedade das salsichas de Francfort e que dão trabalho a muitos milhares de famílias. A festa foi promovida por um fiambreiro vienês, cuja bisavó introduziu o produto na Austria.

— Pelo amor de Deus, despacha-te, Elena! O navio está-se a afundar cada vez mais.
— Não me demoro nada. Estou só a vêr se sou capaz de pôr êste cinto de salvação com uma certa elegância.

(Do «Humorist»).

SAGRES

Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 – 2 4172 – P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em todas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

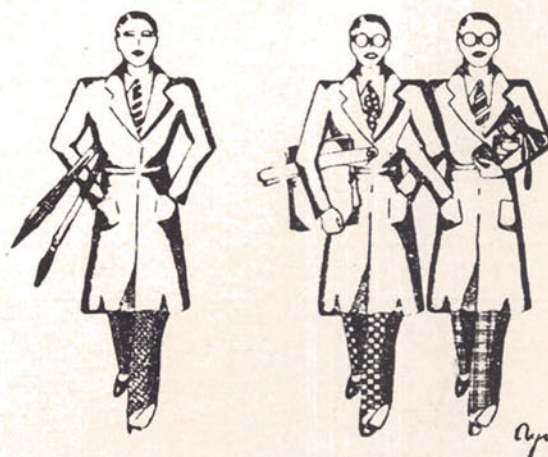
Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES

TELEFONE 2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado............ **15$00**
Pelo correio, à cobrança .... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND,** *73, R. Garrett, 75*-LISBOA

As edições da LIVRARIA BERTRAND, encontram-se à venda na Minerva Central — Rua Consiglieri Pedroso
Caixa postal 212 LOURENÇO MARQUES

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160$00
" " " " carneira 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50

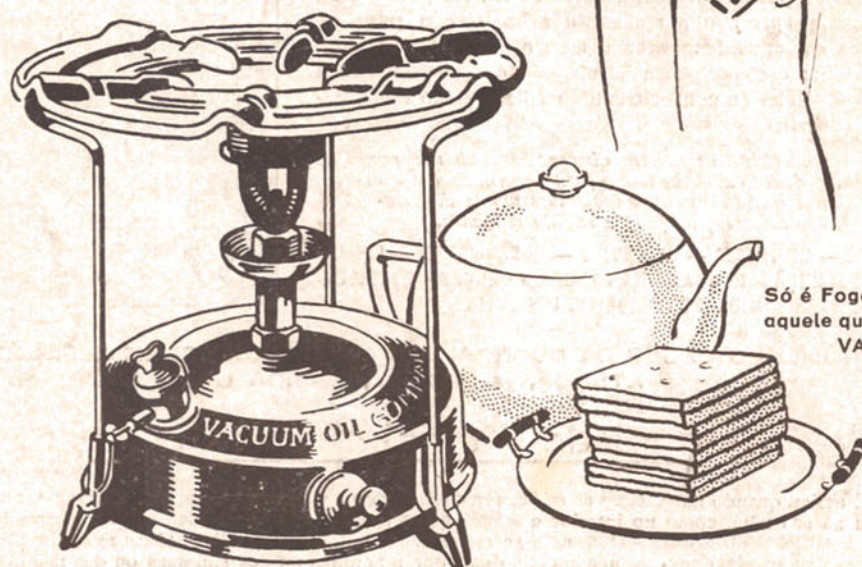
POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

Visitas inesperadas...
Chá? Torradas?
Onde está a dificuldade numa casa em que exista o maravilhoso Fogareiro de Pressão Vacuum, cómodo, asseado e, sobretudo, rápido e económico?
E.
VACUUM OIL
Só é Fogareiro Vacuum aquele que traz a marca VACUUM
FOGAREIROS
VACUUM
USAR SEMPRE PETROLEO SUNFLOWER